



**Por trás do
véu da Beata**

Sobre o passado e o contemporâneo

Costumo dizer aos meus alunos que o jornalismo é como a roda – nunca vai desaparecer da face da terra. Na verdade, o homem não vive sem notícias. Por isso, a insistência em descobrir novas frentes e fontes para o jornalismo neste momento de quebra de paradigmas.

Chegamos ao quinto número da revista *Caracteres*, uma publicação do Laboratório de Impresso do curso de Jornalismo da UFCA. Revista que a cada ano surpreende pela evolução do Curso de Jornalismo e o interesse cada vez maior dos alunos pela profissão.

É no impresso que estudamos a essência do jornalismo – a pauta, a apuração e a narração em suas várias operações de linguagem – sobre o tecer o texto ou desenhar o texto em gráficos, infográficos e tabelas. Tudo para facilitar a leitura. Trabalho que envolve ética, técnica e arte.

Neste número o leitor encontrará uma multiplicidade de matérias. Revolvemos a arte da tatuagem e descobrimos Juliana Alencar, uma das poucas tatuadoras mulheres do Cariri. A arte não deixa de carregar muitos estigmas, mas conquista, principalmente, novas gerações de classes distintas.

A professora Cláudia Leitão conversa conosco sobre um tema que vem estudando há muito – a economia criativa, uma nova esfera de valor nos campos da cultura, gastronomia, mídia, consumo e tecnologia. Cláudia foi a primeira Secretária da Economia Criativa do Ministério da Cultura – MinC (2011-2013). Com diversos livros e artigos científicos publicados sobre o assunto, Cláudia ainda menciona as deficiências do governo e como o setor criativo tem o potencial de favorecer a economia local.

Nessa terra de muita cultura e beleza, remexemos também o passado. Revisitamos a história dos Festivais da Canção que embalaram o Crato em plena Ditadura Militar. A partir deles, e, apesar da Ditadura, formou-se uma geração brilhante de muitos compositores e músicos da região. A história é contada por duas vozes importantes – Abidoral Jamaru e João do Crato. Ou seja, “Meninos, eu Vi”.

No jogo da memória, do lembrar e do esquecer,

encontramos um personagem singular e importante para outro papo sobre o passado. Lembrar, relembrar, afinal, é reviver. Em Ponta da Serra, pequeno vilarejo do Crato, um morador, de 66 anos, põe no ar uma rádio, imprime um jornal e mantém uma biblioteca na sua casa. Seu Antônio Correa, o seu Toim, formou-se em História, em 2008, na Universidade Regional do Cariri, tornando-se memorialista da região.

Em março de 1889, durante a liturgia ordenada pelo Padre Cícero na capela de Nossa senhora das Dores, a Beata Maria de Araújo recebe na comunhão a hóstia e, logo em seguida, o “corpo de Cristo” (para os cristãos) transforma-se em sangue na sua boca. O fenômeno mudou totalmente a vida de Padre Cícero e de Juazeiro do Norte. No entanto, hoje a beata Maria de Araújo é praticamente esquecida. Leia a trajetória da Beata seguida de uma entrevista com a professora Edianne Nobre, do departamento de História da Universidade de Pernambuco. Ela estuda a religiosidade e sua tese de doutorado “Incêndios da Alma” aborda a Beata Maria de Araújo.

A *Caracteres* traz ainda a história do O Instituto Transformar – INTRA -, órgão para a comunidade surda do Cariri, hoje fechado, que abriu um novo horizonte na região para os surdos. Hoje, eles realizam várias ações para reivindicar direitos. E uma reportagem sobre “A Trupe dos Pensantes”, um dos grupos teatrais mais ativos da região, desde 2010. A trupe compartilha a ideia de que o teatro é um importante veículo de transformação da sociedade através do conceito do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal. E entenda como os pequenos empreendedores conseguem crescer no Cariri em tempos de crise.

O jornalismo sempre será um ato de reflexão sobre determinado tempo e contexto. A revista *Caracteres* propõe uma reflexão sobre o passado e o contemporâneo na região do Cariri. Nunca uma representação apenas, mas uma apresentação materialmente estável de imagens justapostas, do presente e de quaisquer tempo. No jornalismo de revista a temporalidade é diversa e heterogênea. Boa leitura.

*Juliana Lotif
José Anderson Sandes
Professores Orientadores*



Expediente

Redação

Anna Carla de Moraes
Kerley Alencar
Leilane Alves
Luan Duarte
Natália Oliveira
Pâmela Queiroz
Priscila Araújo
Rafael Pereira
Sabrina Ribeiro
Yasmin Gonçalves

Ano 5 | Edição 5

Juazeiro do Norte,
Dezembro de 2017

Revista experimental da disciplina de Laboratório de
Jornalismo Impresso do Curso de Jornalismo
Universidade Federal do Cariri - UFCA

Professores

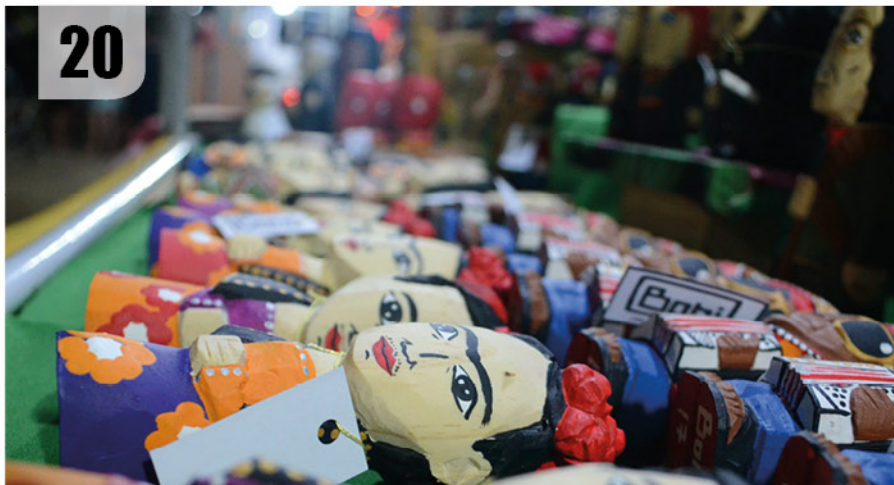
José Anderson Freire Sandes
Juliana Lotif

Projeto gráfico

Isaac Brito

Diagramação

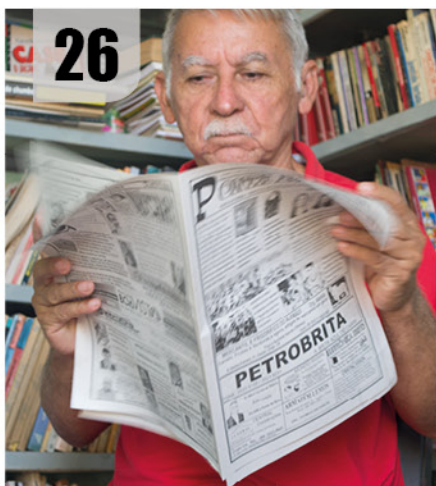
Isaac Brito



20



06



26



32



06



52



46

- 06 Juliana Tatto
- 12 Conexões Criativas
- 20 Vanguarda Cariri
- 26 Casa da memória
- 32 Embate com o tempo
- 40 Como vivem os surdos
- 46 Teatro resistência
- 54 Crise motiva pequenos negócios
- 58 O mimimi é real
- 64 Nem vítima, nem mártir



A photograph of a tattoo artist, Juliane, working on a client's arm. She is wearing a blue glove and using a tattoo machine. The background is blurred, showing a window with blinds. The title 'Juliane TATTOO' is overlaid on the image.

Juliane TATTOO

Texto: **Natália Oliveira**

Foto: **Pâmela Queiroz**

Ela é uma das poucas tatuadoras do Cariri e desenvolve um trabalho singular em vários estilos – do realismo ao pontilhado. A arte carrega ainda muitos estigmas, mas a cada dia conquista adeptos de gerações e classes sociais distintas

O IMPORTANTE É TER INTELIGÊNCIA, BUSCAR APRENDER PARA ADQUIRIR CONHECIMENTO E TÉCNICA”

Não é raro cruzar com uma pessoa tatuada, seja o desenho discreto ou não. Para os amantes deste tipo de arte, se trata de mais um adereço estético carregado de emoções, lembranças e valores. Para outros, é coisa de bandido, do diabo, de drogados. Sinônimo de promiscuidade. Controvérsias à parte, a tatuagem ganhou muitos adeptos no Brasil.

No Cariri, não poderia ser diferente. Essa arte tem certo diferencial, é feita também pelas mãos de uma mulher. O ofício é geralmente dominado por homens, mas em Juazeiro do Norte uma tatuadora conquistou espaço. Literalmente, gravando à máquina o seu nome na história da tatuagem caririense.

Juliane Alencar Paes, mais conhecida por Juliane Tattoo, é uma das referências na cidade de Juazeiro do Norte quando o assunto é tatuagem. Aos 38 anos, a mineira de Belo Horizonte conta que o seu primeiro contato com a tattoo foi quando começou a trabalhar como bodypiercing (perfuração corporal, aplicação de aço na pele) e como assistente de tatuador.

Veio a Juazeiro do Norte a passeio para visitar parentes e acabou fixando morada. Na época, segundo ela, era muito difícil porque a prática ainda era muito discriminada, havia apenas um profissional na cidade, o Saulo Alencar.

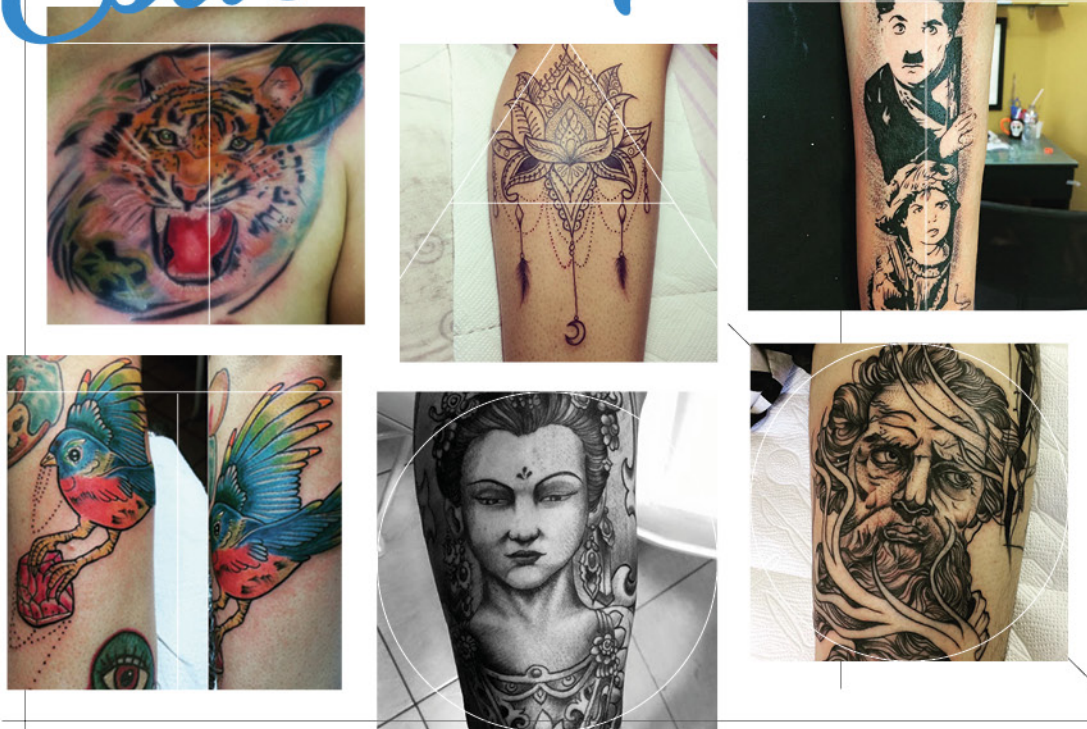
Por isso, há treze anos, ela e o ex-marido Rogerio Araujo, também tatuador, abriram um estúdio de tatuagem na cidade. Além de toda uma bagagem e estrutura, os dois trouxeram novidades como a venda de materiais para tatuagem. O que até então era inexistente na região. Para ela, esse fato “abriu portas”, outros estúdios foram se instalando e, desta forma, a arte foi ganhando espaço.

Aos poucos começou a desenvolver seus primeiros desenhos. Empolgada, ela recorda o seu primeiro trabalho como profissional: “após três anos de estudo e dedicação, tatuei três estrelas em um amigo meu do Rio de Janeiro. Foi ele quem me incentivou, fiquei muito surpresa. Não esperava que o resultado fosse ficar tão bom, tão linear. Sou muito grata a ele por isso”, disse.

Na época, o estúdio se localizava na Rua São Pedro, no Centro da cidade. Ela relata que no início foi muito difícil, principalmente o acesso a materiais e equipamentos para a realização do trabalho.



Estilos de Tattoos



Porém, essa dificuldade foi superada ao longo do tempo. Com o advento da tecnologia ficou mais fácil adquirir material de qualidade para a realização de tatuagens. E pouco tempo depois Juliane e Rogerio abriram outra loja no Cariri Shopping.

Para manter o negócio, além de tatuadora, a artista também é body piercing, faz maquiagem definitiva, vende materiais para outros profissionais e procura estar sempre atualizada, principalmente com relação a métodos e técnicas. Por isso, participa constantemente de eventos de tatuagem, tanto nacionais quanto internacionais.

A artista destaca que o setor tem crescido bastante e isso fez com que as pessoas evoluíssem para a arte da tatuagem. Segundo ela, clientes de dez anos atrás hoje trazem seus filhos para se tatuarem. Isso indica que a prática de se "rabiscar" está crescendo e que, aos poucos, paradigmas estão sendo quebrados.

Com o desenvolvimento do setor houve uma mudança no perfil de público. Hoje em dia, a clientela de Juliane é ampla e diversificada – médicos, advogados, professores, jornalistas, dentistas, etc. Pessoas de várias profissões e diversas faixas etárias.

Entretanto, ela diz que ainda tem que lidar com o machismo. É que alguns homens ainda pensam que ela só faz tatuagens femininas como borboletas, rosas, corações, etc. "Em outros Estados e no exterior as mulheres têm bastante espaço na área. Lá fora, as

pessoas percebem que o importante é ter inteligência, buscar aprender para adquirir conhecimento e técnica", afirma.

Mas Juliane não é apenas tatuadora, também faz as vezes de terapeuta. Ela conta que algumas pessoas chegam na sua loja bastante eufóricas - "e não é só isso, a maioria é leigos, querem fazer qualquer rabisco".

– Então a gente senta, conversa, aí vemos qual o melhor desenho, tamanho e a harmonia entre o corpo e a tatuagem. Explico o que é a arte, crio algo novo. Afinal, tatuagem é uma coisa definitiva.

Ela ainda assinala que não se sente à vontade em fazer tatuagens em clientes já tatuados por outros profissionais. Pois trabalha com referência. "É muito importante que o profissional tenha esse diálogo com o cliente antes de executar o trabalho para que ele não venha se arrepender futuramente".

As questões relacionadas a dor e cicatrização são as dúvidas mais frequentes de quem nunca se rabiscou. "Tornozelo, pé e pulso, por serem áreas com pouco músculo, costumam doer mais. A sensação de dor e a cicatrização varia muito de uma pessoa para outra. Afinal, a agulha pode entrar na pele cerca de 80 vezes por segundo para fazer com que a tinta penetre", afirma.

O período de cicatrização leva em média cerca de 15 dias, mas o processo completo dura um mês. E para isso deve-se tomar alguns cuidados pós-tatuagem com

a alimentação e até mesmo após a cicatrização.

A tatuadora esclarece que esses fatores também dependem do profissional e dos equipamentos que ele utiliza.

– Se ele não souber manusear os equipamentos e se o maquinário não estiver em harmonia, certamente a tatuagem vai sangrar, doer e custará para cicatrizar. Portanto, a técnica influencia bastante e para se chegar a esse nível é necessário muita prática e estudo.

A artista também confidencia que, por muitas vezes, fica triste e desmotivada.

–No meio, há pessoas que não são profissionais e que estão banalizando a profissão. Inventam de tatuar por um baixo custo e acabam manchando a pele das pessoas, fazem traços mal feitos, aprofundam a agulha demais na camada da pele que faz sangrar, além de doer e deixar queloides (cicatriz em alto-relevo).

Assim como a moda a tatuagem também acompanha tendências. A artista afirma que as tatuagens mais procuradas são os “clichês”, segundo ela, trabalhos pequenos também chamados de tatuagens comerciais que as pessoas fazem apenas para dizer que tem uma tatuagem.

“A época do ano também influencia nos pedidos, por exemplo – tem período do ano em que o símbolo do infinito está em alta, borboletas, coração, etc.”, diz.

Também tem os trabalhos grandes, são aquelas pessoas que realmente gostam de tatuagem, não fazem apenas por clichê. “Outros desenhos que saem bastante são as homenagens, como o nome da mãe, filho, ente querido e formação acadêmica. São esses os trabalhos que mais saem, são os flashes, tatuagens pequenas”, afirma.

Simbologia e preconceito

Existe toda uma simbologia sobre determinadas tatuagens que as ligam ao mundo do crime. Como por exemplo, a carpa que é uma espécie de peixe muito ligada a cultura japonesa; a sereia, o palhaço, entre outros. Na prisão, eles simbolizam algum delito. São símbolos já incorporados ao discurso de policiais para estigmatizar os prisioneiros.

Nesse ponto, Juliane discorda e explica o motivo, “geralmente são trabalhos realizados dentro dos presídios sem o devido cuidado e sem equipamentos adequados”. Além disso, a grande diferença está na qualidade do desenho.

—Uma pessoa que tenha um palhaço, sereia, peixe ou qualquer outra imagem associada à marginalidade, mas se essa arte for bem-feita e de qualidade, dificilmente passará a imagem de malfeitor. Portanto, não é que cada tatuagem tenha obrigatoriamente um significado. “Essa simbologia foi inventada dentro do presídio”, acrescenta.

Influências

Na tatuagem existem diversos seguimentos e estilos. A artista afirma que faz de tudo um pouco e que atua em todos os segmentos, mas ultimamente se dedica a apenas a três estilos: O Realismo, conhecido por retratar da forma mais fiel possível uma pessoa, animal ou objeto, utilizando técnicas de profundidade, cores e sombreado que garantem à tatuagem um aspecto muito próximo do real. O Blackwork (trabalho em preto) são tatuagens em preto sólido, podendo ser figuras geométricas até braços inteiros completamente pintados em preto, e, por fim, o Pontilhismo ou Dotwork que é uma técnica de fazer desenhos sem linhas, compostos somente por pequenos pontos. Pontos próximos uns dos outros parecem cores sólidas quando não vistos de perto, enquanto pontos mais distantes servem como uma forma de sombreado.

Ela admira os trabalhos de diversos artistas tanto nacionais, quanto internacionais que desenvolvem esses estilos. Destaca as suas principais referências no Brasil que são: Murilo Oliveira, de São Paulo, especializado no Realismo; o mineiro Fredão Oliveira, famoso por seus trabalhos em blackwork e Lorena Morato, que segue o estilo Neo Tradicional. No exterior, define o trabalho do ucraniano Dmitriy Samohin como surreal, além dos americanos Sarah Miller e Bob Tyrrell, que atuam no estilo Realismo.

Juliane descobriu na arte de tatuar uma maneira prazerosa de obter o sustento. Ela diz que para ser um bom profissional, além do amor pela arte que desenvolve aliado a profissionalismo e responsabilidade, também é preciso que o tatuador saiba o que está fazendo.

—É preciso adquirir um bom maquinário, uma boa fonte, biqueiras descartáveis, tintas de qualidade, ter curso de biossegurança e procurar sempre estudar, pesquisar, viajar, fazer workshops para estar sempre atualizado, e acima de tudo, buscar sempre inovar”, completa.

Além do mais, muita responsabilidade e seriedade, “porque é uma pele que está em jogo. Por isso, o tatuador que leva a profissão a sério deve investir alto. Sem investimento não existe conhecimento”.

Quando questionada sobre o desenho que mais gosta de fazer, Juliane é categórica: “eu amo tatuar”. Mas destaca que o mais gratificante é quando o cliente confia no seu trabalho e permite que ela solte a sua imaginação e coloque toda a sua técnica em prática.

Daqui para frente, espera que a tatuagem seja mais valorizada. “Que as pessoas não desenvolvam a arte apenas por dinheiro, mas tenha a preocupação e responsabilidade com a pele do cliente e que levem a profissão a sério”. ■



FIQUE POR DENTRO

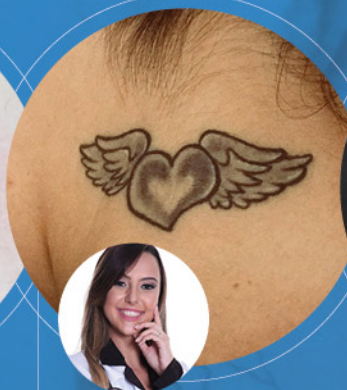
No dia 20 de junho de 1959 chegava ao Brasil o desenhista e pintor dinamarquês Knud Harld Likke Gregersen, conhecido como Lucky Tattoo. Ele trouxe a primeira máquina elétrica para o País, se confirmando o primeiro tatuador profissional da América do Sul. A sua loja foi aberta na cidade de Santos, em São Paulo, próximo ao cais, na época, considerada uma zona de boemia e de prostituição. Fator que contribuiu decisivamente para a disseminação de preconceitos e do ofício. Gerando um estigma de marginal que perdurou por décadas. Reconhecido como o “Pai da Tattoo” no Brasil, Lucky ganhou fama ao “riscar” famosos como o surfista carioca Petit, o eterno “Menino do Rio” e o cantor e ator Evandro Mesquita. No dia 20 de junho é comemorado o dia do tatuador em homenagem a Lucky Tattoo. A data foi escolhida pelo Sindicato dos Tatuadores e seus Associados, como o Dia Nacional do Tatuador.

OS MUITOS MOTIVOS PARA UM BOM RABISCO



Diego Guimarães
31 anos, médico

“Fiz como homenagem a um ente querido que tinha uma tatuagem semelhante. Além disso, o desenho também tem a ver com a área da saúde. Também foi feita em um momento muito importante: o final da graduação. É uma forma de carregar a lembrança do período de aprendizado. Fiz uma homenagem a pessoa e coisas importantes para mim e que não quero esquecer”



Juliana Santos
26 anos, médica

“Fiz tatuagem porque sempre achei bonito. Fiz como uma forma de carregar uma marca do tempo em que morei no Cariri, por tudo que vivi lá. Carrego um coração alado que representa espírito livre e amor. Pretendo fazer mais duas, uma para representar a minha personalidade e a outra representando minha família”



Mônica Vitoriano
49 anos, produtora

“Tenho quatro tattoos. A tatuagem revela muito da minha personalidade. Não são apenas ‘rabiscos’. É o meu pensamento diante da realidade. Fiz minha primeira tatuagem só aos 35 anos quando meu filho nasceu. Para mim, é como se fosse um acessório da minha personalidade. A maioria delas são maori (tatuagem feita com base na história pessoal de quem é tatuado).



Rafael Demarco
24 anos, fotógrafo

“Levo a tatuagem como uma maneira de expressão, carregando na pele uma verdadeira obra de arte, uma forma de me diferenciar dos outros, em uma época em que as pessoas estão cada vez mais entrando em um mesmo padrão”





Conexões CRIATIVAS

Texto: **Kerley Alencar**

Foto: **Luan Duarte**

Apesar de marginalizada pelas políticas públicas no Brasil, a Economia Criativa surge para desencadear uma nova esfera de valor nos campos da cultura, gastronomia, mídia, consumo e tecnologia

Sobreviver de cultura e arte no nosso país não é nada fácil. Vivendo em uma região tão rica culturalmente, como o Cariri, é necessário entender um pouco mais sobre o que é a Economia Criativa e como ela pode contribuir para o crescimento do povo brasileiro. Para isso, a Carateres conversou com a professora Cláudia Leitão.

Cláudia, Diretora do Observatório da Governança Municipal do Instituto de Planejamento de Fortaleza (IPLANFOR), atuou como secretária de Cultura do Ceará (2003-2006) e foi a primeira Secretária da Economia Criativa do Ministério da Cultura – MinC (2011-2013), nos conta o que é a Economia Criativa e quais são as dificuldades enfrentadas por todos aqueles que se arriscam na área.

Com diversos livros e artigos científicos publicados sobre o assunto, Cláudia ainda menciona as deficiências do governo e como o setor criativo tem o potencial de favorecer a economia local.

“AS PESQUISAS SOBRE OS ESTADOS E SEUS INVESTIMENTOS EM ECONOMIA CRIATIVA SÃO PRATICAMENTE INEXISTENTES. GRANDE PARTE DO FINANCIAMENTO À CULTURA NOS ESTADOS SE DÁ, OU POR EDITAIS, OU POR LEIS DE INCENTIVO”

O que é Economia Criativa?

Economia Criativa é uma expressão recente de uma economia que sempre existiu, mas que vem se tornando cada vez mais estratégica na matriz de desenvolvimento dos países no século XXI. Trata-se das dinâmicas econômicas de criação, produção, circulação, comercialização e consumo de bens e serviços caracterizados, sobretudo, pela sua dimensão simbólica, que define o seu valor. A Economia Criativa cresce em função da diversidade cultural e da educação de um país, pois em seu fundamento estão a cultura, a ciência, tecnologia e a inovação.

Qual a importância da Economia Criativa para a sociedade, para a cultura e para o fortalecimento do mercado de arte?

Nas Sociedades do Conhecimento do século XXI, um país será mais competitivo no cenário internacional se estiver preparado a produzir uma educação para o novo trabalho e as novas competências exigidas pelas dinâmicas econômicas dos produtos criativos. A globalização, que em sua primeira etapa, contribuiu para a padronização de bens e serviços no mundo, vem se transfigurando, ou seja, ela passa a exigir dos países produtos com alto valor agregado. Desse modo, abandona-se os modelos industriais tradicionais do “made in” para se penetrar no contexto das sociedades pós-industriais e dos seus produtos “created in”. Essa realidade vem ampliando o soft power dos países que têm apostado na Economia Criativa como estratégia de desenvolvimento.

Em suas pesquisas, pode-se perceber aumento nos lucros gerados pela Economia Criativa? As pessoas aderiram mais a esta ideia?

Há, ainda, bastante desconhecimento da Economia Criativa no âmbito dos governos, o que dificulta a atividade dos setores criativos no Brasil. Por outro lado, o levantamento de dados primários, capazes de desagregar setores e produzir diagnósticos sobre as dinâmicas econômicas dos segmentos criativos, ainda é incipiente. A ausência da “Conta Satélite da Cultura” é o exemplo da cegueira dos Governos que, ao desconhecerem a importância dessa Economia (apesar de sua informalidade) mantém desamparados, pela ausência de políticas públicas, os setores/empreendimentos criativos no Brasil.

Como a Economia Criativa pode ou não favorecer a imagem do Brasil no exterior?

Apesar da força e riqueza da nossa diversidade cultural, o Brasil não consegue transformar essa diversidade em bens e serviços de exportação. Somos o país que exporta somente “commodities”, ou seja, mantemos



Cláudia discute a respeito da economia criativa no ceará

“A CAPACIDADE DE SOBREVIVER EM CONDIÇÕES ADVERSAS DENOTA O TALENTO E A CRIATIVIDADE DE UM POVO”

um velho modelo de desenvolvimento que caminha na “contramão” dos caminhos trilhados por países desenvolvidos. Essa realidade é lamentável, pois o nosso cardápio de exportações (limitado ao agronegócio) não permite ao país avançar, desconcentrar renda e se tornar competitivo diante do mundo.

Qual a região do Brasil que mais investe na Economia Criativa?

As pesquisas sobre os estados e seus investimentos em Economia Criativa são praticamente inexistentes. Grande parte do financiamento à cultura nos estados se dá, ou por editais, ou por leis de incentivo. As agências de fomento, assim como os bancos, subestimam o papel dos setores criativos para a desconcentração de renda e o desenvolvimento local e regional.

De que forma o governo deve contribuir para o crescimento dos microempreendedores que investem na produção cultural?

Hoje o Sebrae tem sido a grande instituição res-

ponsável pelo apoio aos micro e pequenos empreendedores criativos brasileiros. Aos poucos, os seus organismos estaduais vão reconhecendo a importância estratégica da Economia Criativa nas diversas regiões brasileiras. Pesquisas começam a ser financiadas pelo Sebrae Nacional para identificar as redes e os sistemas produtivos dos segmentos criativos nas cidades brasileiras. Esse esforço deve ser reconhecido.

Quais são os prejuízos da falta de interação entre governo e estes microempreendedores?

O Estado brasileiro, pela sua própria estrutura jurídico-política, tem grande dificuldade de se relacionar com a sociedade, sobretudo, com os empreendedores criativos brasileiros. Essas dificuldades são oriundas da natureza do próprio Estado e precisam ser enfrentadas, sob pena de se tornar cada vez mais ineficaz na sua atuação. As Universidades e os Institutos de Pesquisa também necessitam se conectar aos Governos e aos empresários para que se possa avançar em um novo desenvolvimento mais parti-

Dados da economia criativa

- A contribuição do PIB Criativo no PIB Brasileiro cresceu de 2,49% em 2011 para 2,64% em 2015 segundo a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan).
- Apenas 1,4% dos trabalhadores cearenses eram do setor criativo em 2015
- O PIB criativo no Ceará caiu de 1,7% em 2013 para 1,5% em 2015

Quem pode ser um Microempreendedor Individual (MEI)?

- Aquele que tem receita bruta anual de até R\$60.000,00
- Optante pelo Simples Nacional*
- Emprega no máximo um empregado
- Não possui mais de um estabelecimento (filiais)
- Não participa de outra empresa como titular, sócio ou administrador

*O Simples Nacional é um regime tributário que reúne os impostos federais, estaduais e municipais do micro e pequeno empreendedor em uma guia única a fim de simplificar a vida do MEI.



Para Cláudia “as agências de fomento, assim como os bancos, subestimam o papel dos setores criativos para a desconcentração de renda e o desenvolvimento local e regional”

cupativo e mais consentâneo com as necessidades do país. É tarefa do Estado estimular uma educação empreendedora; faz parte de sua missão fomentar novos empreendimentos, apoiando-os em seus desafios de gestão, planejamento etc.

Com a desarticulação da Secretaria da Economia Criativa no Ministério da Cultura pelo ex-ministro Juca Ferreira, a possibilidade de termos investimentos federais e, em seguida, estaduais e municipais em Economia Criativa, foi adiada.

Qual a importância de uma secretaria específica para a economia criativa no cenário econômico e cultural brasileiro?

A importância é estratégica, exatamente, em um contexto de crise da matriz do desenvolvimento econômico brasileiro, baseado somente no consumo e na produção de commodities. Todos sabemos que, com a queda do preço dessas commodities, o país caminhou para um “beco sem saída”, pois não conseguiu diversificar suas atividades econômicas. Precisamos, portanto, dar complexidade e diversidade ao nosso cardápio exportador. Precisamos, urgentemente, investir em inovação, apostar na criatividade da nossa juventude, apoiar as tecnologias sociais desenvolvidas em nossos territórios os mais longínquos. Sem mudanças radicais na condução do desenvolvimento econômico

do país, estaremos fadados a nos mantermos à margem das decisões políticas e econômicas globais, com graves impactos sobre a população brasileira.

Quais são as principais contribuições do Ceará para a Economia Criativa no Brasil?

A temática da Economia Criativa foi objeto recente de um plano municipal dentro dos sete eixos estratégicos que compõem o Plano Fortaleza 2040. Na gestão estadual ela ainda não possui um planejamento que garanta a formulação, implantação e monitoramento de políticas para o seu desenvolvimento.

Em um artigo seu escrito para o jornal O Povo, intitulado “Um viva aos comerciantes cearenses!”, você compara o povo cearense aos judeus, no sentido de ambos serem retirantes. Teria sido essa necessidade de “se virar” em meios às dificuldades que fez com que a economia criativa fosse sempre presente no dia-a-dia do cearense?

A criatividade possui importantes conexões com a necessidade. Nesse sentido, os cearenses são resilientes, desde as suas origens mais remotas, em função das difíceis condições climáticas do estado. A capacidade de sobreviver em condições adversas denota o talento e a criatividade de um povo.

“A ECONOMIA CRIATIVA BRASILEIRA, LAMENTAVELMENTE, NÃO SE APRENDE NA ESCOLA”

Em todos estes anos de experiência com pesquisas, como Secretária de Cultura do Ceará, como Secretária da Economia Criativa e como professora universitária, a forma como o brasileiro, e mais especificamente o cearense, tem visto sua própria cultura tem mudado? Estamos consumindo mais da nossa cultura?

Não temos pesquisas no Ceará sobre o consumo cultural de sua população. Mas, esse fenômeno não acontece somente no Ceará. Faltam pesquisas no país sobre o consumo cultural brasileiro. Com o advento da globalização e da hegemonia das indústrias culturais, a produção cultural local sofre grandes dificuldades para encontrar nichos de mercado e respectivo público consumidor. Por outro lado, o fomento à cultura produzido pelos governos, sempre limitado a editais e leis de incentivo fiscal, não contribui de forma satisfatória para o consumo cultural e a formação de público. Por último, a educação sem qualidade da po-

pulação, a desigualdade abissal de oportunidades no país são variáveis negativas que impactam de forma direta no cardápio cultural do povo brasileiro.

Qual o papel da Universidade na Economia Criativa? Como a Universidade pode trabalhar a fim de desenvolvê-la?

O Brasil não possui Universidade com graduação em Economia Criativa. O que vemos são alguns cursos esparsos na temática, sempre concentrados nas regiões sudeste e sul.

Por onde uma pessoa que está pretendendo “se lançar” na economia criativa deve começar? Qual deve ser seu primeiro passo?

O Brasil é um país em que as pessoas se tornam (de forma empírica) empreendedores nos setores criativos. Apesar da omissão dos governos, da ausência de políticas públicas, da carência de formação, da fragilidade dos dados sobre os setores, dos poucos marcos legais sobre os mesmos, os trabalhadores da cultura estão atuantes e são responsáveis pela sociabilidade de grande parte dos territórios vulneráveis do país. A Economia Criativa brasileira, lamentavelmente, não se aprende na escola...

Há espaço para todos na Economia Criativa ou é uma área muito difícil de se estabelecer?

Os arranjos e sistemas produtivos dos setores criativos na Economia Criativa são amplos e incluem, diferentemente das Indústrias Culturais e Criativas que, por sua vez, são concentradoras. Nesse sentido, há lugar para todos, mas a formação dos elos dessas redes é fundamental. É uma economia onde há lugar para doutores e experts, mas também para os saberes ancestrais ligados ao povo. Essa é sua maior riqueza! ■

Glossário

Sociedade do Conhecimento: Está intimamente ligada às redes sociais. Diz respeito às interações entre os indivíduos atuantes, através da discussão e compartilhamento de informação. Nesta sociedade não é mais necessária a memorização de dados, e sim a interpretação destes dados.

Made in: Traduzido do inglês por *feito em*. No contexto refere-se a produtos semelhantes, sem distinção.

Sociedade Pós-Industrial: Termo utilizado para a economia que sofreu alterações após a revolução industrial, tendo sido marcada pelo crescimento do setor de serviços, aumento da tecnologia de informação (que levou à era da informação), e o conhecimento e a criatividade tornaram-se decisivas para tais economias.

Created in: Traduzido do inglês por *criado em*. No contexto refere-se a produtos específicos, que receberam distinção através da agregação de valor.

Soft Power: Do inglês, *poder suave*. É usado no âmbito das relações internacionais para descrever o poder que determinado país tem de influenciar outros de maneira discreta, através de sua cultura ou ideologia.

Commodities: É o plural da palavra inglesa *commodity*, que significa *mercadoria* e foi agregado ao vocabulário da Economia. As *commodities* são produtos que tem seu preço determinado pela oferta e demanda internacional e costumam ter baixo grau de industrialização. Frutas, legumes, cereais e o petróleo são alguns exemplos de *commodities*.

Arte talhada na madeira

A vida do sertanejo sempre foi árdua. Embora o governo, de modo geral, não incentive o setor criativo, o cearense sempre se viu numa situação de ter que encontrar saídas para sobreviver em meio às adversidades. Uma delas foi o desenvolvimento de uma cultura que tem raízes profundamente fincadas na criatividade.

Um destes cearenses arretados que conseguiu usar a criatividade de forma lucrativa, é o Juazeirense José Boniek Brito, 28, ou simplesmente Boni, que cresceu envolto na arte. Com origem rural, era muito comum que as crianças esculpissem seus próprios brinquedos, e com ele não foi diferente. “Comecei a trabalhar com outras coisas, mas que não me completavam, sempre faltava algo. Paralelamente, sempre fazia esculturas, para dar de presente para os amigos, nunca profissionalmente”, conta Boni.

Em 2014 as coisas mudaram. A insatisfação com a função que ocupava fez com que Boni largasse o emprego e encontrasse na arte o sucesso profissional. A produção inicial de Boni tomou como referência a cultura nordestina, por meio dos cangaceiros, e a religiosidade, produzindo santos de madeira. No entanto, se Boni quisesse se destacar no ramo criativo ele precisaria se diferenciar dos demais, e foi isso que ele fez: “Um amigo meu encomendou umas esculturas diferentes, de um desenho animado chamado South Park, que são uns bonequinhos mal feitos mesmo (risos), com a cabeça bem grande e redonda. Eu fiz e ele gostou, os amigos dele também gostaram e começaram a pedir; eu disse: ‘Olha! Pode ser por aqui!’”.

Inspirado no modelo dos bonecos do desenho animado americano, Boni aplicou a técnica a personagens da nossa cultura nordestina, como Patativa do Assaré e Luiz Gonzaga. Mesmo que o tradicional seja o mais procurado, Boni apostou no público jovem e passou a produzir personagens deste universo, tais como Harry Potter e os personagens da série americana Game of Thrones.

A carência de uma visão que valorize o setor criativo na região atingiu Boni, e fez com que o início se tornasse mais árduo. Com a dificuldade de encontrar pontos de venda, Boni vendia seu produto através do boca a boca e pela internet, já que ter um ponto físico na região é inviável. Com a Feira Cariri Criativo, Boni pode estender a divulgação de seu produto, pois lá tem a oportunidade de ser convidado para eventos em outras regiões, o que o torna mais conhecido e consequentemente aumenta suas vendas.



Boni buscou inspiração em personagens de desenhos e filmes norte-americanos, mas aplicou a técnica também a personalidades da cultura nordestina



Leonardo Ferreira: “Gosto de pensar a jóia como o valor que a pessoa dá para minha peça do que no material”

Paixão pelas joias

Você já pensou em ter uma jóia de um origami? Um broche de uma pessoa mergulhando ou até a palma de uma mão como pingente? Não?! Pois saiba que isso é totalmente possível e real! O artista é Francisco Leonardo Ferreira Neto, 21 anos e estudante de Design de Produto na UFCA. O interesse pela arte já estava nele, mas foi dentro da Universidade que encontrou na joalheria a paixão que lhe faltava.

Com designs diferenciados, a inspiração vem da poesia cotidiana e de trabalhos que costumava fazer, “eu busco muito a temática da poesia cotidiana, de ver coisas interessantes em situações que a maioria das pessoas poderiam achar corriqueiras e banais, gosto de ver a beleza nessas coisas.”

Para o desenvolvimento de peças criativas é necessário, muitas vezes, de máquinas específicas, como é o caso do Leo. Sendo assim, a economia criativa contribui também para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia na região. Quando o estímulo dado não é suficiente, acaba prejudicando muitos artesãos. O Leo, por exemplo, muitas vezes recorre ao maquinário da Universidade, já que são caros e não tem como consegui-los.

Diferentemente de Boni, Leo ainda não consegue se manter exclusivamente de sua arte, ele encontrou na matéria prima um forma de baratear o produto para a população e diminuir seus custos, fazendo com que conseguisse produzir mais.

Usando materiais que não são considerados nobres pela joalheria, como o cobre e o latão; Leo afere um valor diferente a sua jóia. O que faz da jóia do Leo ser uma jóia, não é o alto valor monetário, “Gosto de pensar a jóia como o valor que a pessoa dá para minha peça do que no material. Então, muitas vezes uma carta que a gente recebe, um desenho de um irmão mais novo acaba sendo uma jóia para a gente.”, diz Leo.

Além da dificuldade de organizar seu próprio tempo, e conseguir o maquinário adequado para fabricação das peças, o valor é uma das maiores dificuldades para Leo. “A questão de precificar é complicada. Muitas vezes eu posso ter uma peça que tenha um valor de mercado bom, um valor mais alto, só que eu tenho que vender ela em um preço menor, porque o mercado aqui não está preparado para pagar por aquele valor. É uma série de coisas que temos que prestar atenção.”

Mesmo com as dificuldade rondando aqueles que trabalham na área, a criatividade está no sangue cearense, vem do couro, da madeira, do bordado, da jóia. A vontade e a capacidade de acreditar no crescimento e na valorização da cultura popular nunca se fez ausente em nosso meio, cremos em algo mais. Cremos que o sucesso não é relativo ao quanto se tem, e sim ao prazer que se tem ao fazer algo. Nisto, somos verdadeiros mestres. ■

A man with a mustache and a friendly smile is shown from the chest up, wearing a white shirt with a colorful floral pattern. He is positioned in the lower-left foreground. Behind him is a large, vibrant abstract painting with swirling colors of yellow, orange, red, and purple, resembling a sunset or a tropical scene. The title 'Vanguarda CARIRI' is overlaid on the top right of the image.

Vanguarda CARIRI

Foto: Pamela Queiroz

Texto: **Yasmin Gonçalves**

**A história dos Festivais da Canção
que embalam o Crato em pleno
regime militar e constituíram a região
enquanto celeiro cultural do Nordeste**

As pessoas chegavam de trem. A cidade era diferente. Tinha um clima maravilhoso de cidade pequena, não havia asfalto. Existia um nevoeiro que perdurava o ano inteiro nas ruas, a gente acordava com névoa. Vinham uns hippies, uns mochileiros, e armavam suas barracas e tendas na Praça da Sé. Sabe aqueles hippies paz e amor? Viajavam com artesanato, e eram artistas também. Às vezes desenhavam, tocavam e compunham. A cidade estava na rota cultural, o pessoal comentava que no interior do Ceará tinha uma cidade bacana, receptiva e artística.

Assim descreve João do Crato como era a cidade que lhe nomeia, na década de 70, época caracterizada pela realização dos Festivais da Canção no país inteiro. No Crato, as oito edições do Festival que tinha por palco a Quadra Bicentenária, foram responsáveis pelo reconhecimento de muitos compositores caririenses, entre eles Abidoral Jamacaru, vencedor de duas edições do Festival, Pachelly e José Hildeberto Jamacaru, Luiz Carlos Salatiel, Geraldo Urano, Cleivan Paiva entre tantos outros.

João do Crato conta que já existia um circuito de músicos nacionais na cidade, principalmente para apresentações no auditório da Rádio Araripe. Jackson do Pandeiro, Altemar Dutra, Vicente Celestino e Ângela Maria são alguns dos nomes da música brasileira que visitaram o Crato. Além da ExpoCrato, que segundo o artista "era culturalmente muito interessante". João acredita que pelo fato de existirem coletivos e movimentos artísticos organizados, pela presença da pioneira Rádio Araripe e desse circuito de artistas nacionais na época, a soma desses fatores culminou

com os festivais. Inclusive, como a Rádio Araripe pertencia ao Grupo Châteaubriant, os festivais a nível nacional eram veiculados na estação, o que contribuiu tanto para o contato do povo com a música popular brasileira, quanto para a propagação e reprodução dos festivais.

Abrindo um parêntese, você conhece Abidoral Jamacaru e João do Crato? Dois artistas caririenses, amigos de longa data, porém de origens apartadas dentro da mesma cidade. João fazia sua arte na periferia, enquanto Abidoral ocupava o centro. Isso explica, segundo João, o porquê da sua ausência nessa primeira leva de festivais. João é considerado pela mídia local como “artista cratense que transpira a cultura caririense e um defensor da universalidade artística”. Abidoral Jamacaru, apesar de vanguardista, seguiu uma carreira mais convencional ao optar pela gravação de álbuns, entretanto seu processo de produção artística difere da lógica de distribuição cultural vigente, para mais informações vide Avallon.

Contexto da época

Década de 70. Seis anos de Regime Militar e com tudo que acarreta um sistema assim. Liberdades individuais cerceadas, arte na rédea curta da censura. Uma tentativa de induzir a formação de uma identidade nacional importando modelos estrangeiros. E ainda assim brotava a resistência, a contracultura, a Tropicália. Abidoral resume que foi “uma época em que o mundo inteiro estava conspirando por ideias novas”, por isso mesmo havia a resistência contra os abusos governamentais: “eles quiseram mudar toda a situação do Brasil de uma forma arbitrária, passando por cima de todos os princípios”. Nacionalmente, os Festivais da Canção surgem em 1966, televisionados e que destacavam nomes como Chico Buarque, Pinguinha, Hermeto Pascal, Milton Nascimento, Tom Jobim, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Edu Lobo, Geraldo Vandré, Toquinho, Paulo César Pinheiro... entre outros artistas. Várias emissoras transmitiram o Festival (TV Excelsior, TV Record, TV Rio, Rede Globo), quando a transmissão ficou a cargo da Rede Globo o Festival adquiriu o título de Internacional, onde os vencedores da etapa nacional competiam contra vencedores internacionais. Dentro desse conceito o Festival aconteceu por mais seis edições.

No Cariri Cearense, mais especificamente na cidade do Crato, oito edições desse Festival foram realizadas. Abidoral conta que a partir dos festivais, o Cariri passou a ser um celeiro cultural que chamou a atenção do Nordeste inteiro, “o pessoal do Crato faz boa música” era um comentário recorrente. Embalados pelos movimentos de contracultura, os artistas do Cariri já organizados em coletivos, como o GRUTAC –

Grupo de Teatro de Amadores Cratenses – e o CPC – Centro Popular de Cultura – deram forma ao Festival.

A ideia partiu de Geraldo Urano e Luís Carlos Salatiel que faziam parte do clube de jovens atrelado à Diocese de Crato. O vigário da época, Padre Bosco, apesar de possuir o conservadorismo próprio da Igreja, era muito aberto à juventude e autorizou os rapazes a produzirem o Festival. Contudo, em sua concepção seria um festival de paródias. Urano e Salatiel trataram de convencer o sacerdote: “Não, Padre Bosco, é um festival mesmo. A gente sabe fazer música”, assim o vigário acabou concordando em um festival de música autoral. Abidoral enfatiza que o mérito do Padre Bosco está em retirar a música sacra e permitir a profana. Acentua também que o Festival se concretizou justamente pelo apoio da Igreja: “a Diocese tem um poder de organização muito grande, por isso que aconteceu o Festival”.

O local escolhido para a realização do festival foi a Quadra Bicentenária, no centro da cidade. João do Crato inclusive tece suas críticas ao afirmar que sempre houve muito tradicionalismo no Crato e que isso refletiu nos Festivais, “tinha uma coisa, quem era da periferia não chegava muito nesses eventos do centro, eu lembro que quando era adolescente eu ficava bem lá onde moro, nas periferias”.

E eram nas periferias que o povo reconhecia os artistas regionais por meio do rádio. “Eu me lembro dessa coisa das músicas saírem nos rádios antes, as músicas que estavam concorrendo na primeira fase que eram de compositores aqui da região já começavam a tocar nas rádios pro pessoal conhecer, torcer e cantar junto na quadra bicentenária”, descreve João. Uma das coisas mais marcantes do Festival foi sem dúvida a torcida. Abidoral conta que parecia torcida de clube de futebol: “Quando o cantor subia no palco ficava um lado cantando e a torcida oposta vaiava, torcida é meio irracional né?”

Premiações e histórias

O Festival era tido pelos artistas como um trampolim para o sucesso, pois seriam conhecidos pelo público e com o dinheiro da premiação poderiam gravar discos. Abidoral conta que apesar do prêmio ser em dinheiro, haviam outras premiações mais lúdicas, como um curso de música em que os vencedores viajaram à Teresópolis. Para essa viagem os músicos caririenses se prepararam, levaram presentes regionais, como pífanos e outros objetos culturais representativos, e a poesia de cada um. Ao chegar no Rio de Janeiro, passaram por uma situação um pouco constrangedora: o curso era de alto nível musical. “Lá não era um curso de música popular, era erudita. Aí eles disseram que não tínhamos condições de assistir ao curso, mas que colocariam a



Foto: Iino Fly



João do Crato foi um dos participantes ativos dos festivais dos anos 1960/70, agora revive a cena em seu projeto João do Crato e os Uranos, interpretando A Tábua de Esmeralda de Jorge Ben.

gente como ouvintes”, conta Abidoral. Como os músicos não sabiam ler as partituras, foram colocados em uma sala com crianças de cinco a seis anos. Abidoral se diverte ao recordar o fato. Inclusive nos conta como se comportaram nessa situação: “A gente pegava as partituras na hora do coral e ficava cantando e olhando o vizinho do lado, para cantar igual”.

As etapas do Festival aconteciam durante uma semana, e a Quadra Bicentenária ficava lotada de gente tanto aqui da região do Cariri como de fora. Abidoral conta que vinham pessoas de Fortaleza, Recife, Salvador, e dentre o júri haviam regentes de orquestras, músicos das grandes capitais do Brasil, como do Rio de Janeiro.

Dentre as muitas histórias marcantes do Festival, um protagonista era recorrente: Geraldo Urano, o poeta. Em uma das edições do Festival o artista entrou na quadra dentro de um caixão que foi conduzido ao palco, fazendo do seu corpo uma extensão da arte e da performance. Um outro caso aconteceu em 1975, segundo um produtor de conteúdo online do Crato, “Geraldo passou todo o tempo da apresentação sentado na beira do palco, lendo um gibi e tomando coca-cola. No final, saiu dançando por toda a extensão da quadra, sob o frenético frevo executado pela banda”.

Canções

Dentro da perspectiva de Abidoral as músicas estavam divididas em duas vertentes: a música estética, que apresentava “conteúdo científico-musical muito elaborado, muito sofisticada” e a música de protesto. Devido ao Golpe Militar de 64 os artistas viram na arte a possibilidade da resistência, Abidoral questiona: “como é que podia se sujeitar a um regime ditatorial que coibia você de pensar, de livremente pensar?”. Por essa razão, segundo ele, “era muito interessante que a música desse o recado, chamasse as pessoas” para reagirem às decisões arbitrárias tomadas pelo governo em questão que não respeitava as liberdades dos indivíduos.

João do Crato fala que as músicas que competiam no Festival se tornavam do gosto popular. As melodias estranhas trazidas pela contracultura, pelas guitarras elétricas, pelo rock’n’roll foram sendo assimiladas e desprovidas de estranheza. As canções selecionadas na primeira etapa do concurso eram tocadas pela Rádio Araripe, assim o público tomava conhecimento do desenrolar do Festival e elegia suas favoritas. “Quando iam acontecer as músicas selecionadas começavam a tocar na rádio, e a gente começava a escolher qual que ia torcer, a gente findava aprendendo as músicas todas, porque tocava no rádio”. Muitas dessas canções parecem ter se perdido, João acredita que alguém possua os áudios. “E eram músicas inclusive gravadas de uma maneira bem rudimentar mesmo, naquelas fitas de rolo, às vezes violão e voz”, mas João completa que “as músicas findavam ficando muito bonitas, eu acompanhei a vitória de Abidoral com Margem Virgem, de Pachelly com Haverá Mais Um Dia, com Lembranças de Um Carnaval Que Passou...”. Segundo Abidoral a produção musical do festival surpreendeu a todos “não se esperava qualidade de música, porém

o conteúdo das músicas começou a ter uma qualificação, as harmonias foram sendo mais bem elaboradas e o Festival começou a chamar atenção”.

Abidoral Jamacaru encerrou sua participação no Festival depois de cinco edições. Ele atribuiu sua saída à saturação artística que vinha sofrendo em decorrência da competição: “eu não aguentei mais, porque já estava assim, o nível estava crescendo em qualidade musical, todo mundo queria ganhar aí tinha que sofisticar as músicas, mas isso nem sempre era o que você pensava no dia a dia da sua vida né? Quando percebi isso me excluí, porque você ia e todo mundo já esperava sua música, eu não gostava daquela coisa, mas não sabia dizer o porquê.” Em seguida o músico deixou o Cariri por uma temporada no Rio de Janeiro, de onde acompanhava o festival ocasionalmente, por meio de cartas e telefonemas de amigos.

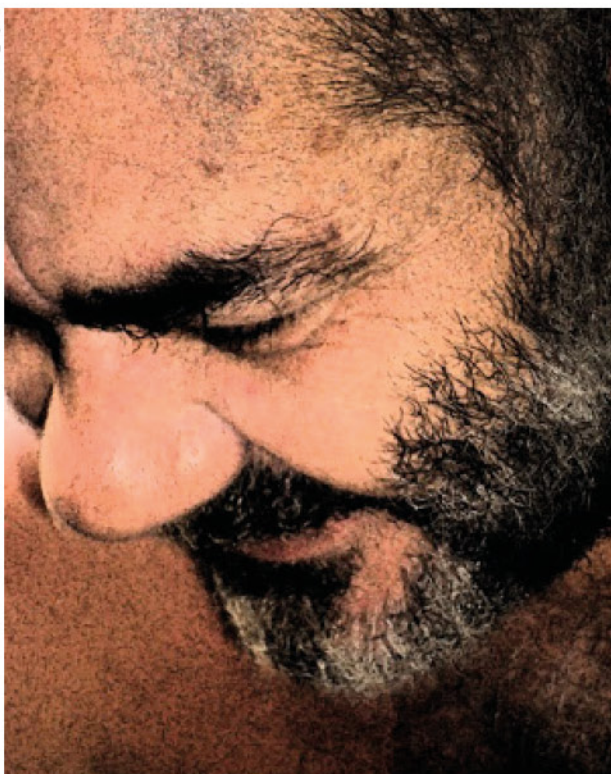
Havia censura?

Uma das maiores curiosidades relacionadas à época e a cultura advêm da censura vigente. Como os artistas desse período atuavam dentro desses limites, conhecidamente rígidos? Letras como Cálice de Chico Buarque mostram que o uso da metáfora era recorrente. Abidoral conta que antes de veicular as músicas era necessário mandar as letras para Fortaleza. Geralmente as modificações eram necessárias: “eu me lembro uma vez fiz uma música, não lembro qual delas que a censura mandou eu modificar alguns versos.

A CAPACIDADE DE SOBREVIVER EM CONDIÇÕES ADVERSAS DENOTA O TALENTO E A CRIATIVIDADE DE UM POVO”

Porque a gente quando ia dar uma conotação nessa linha a gente usava metáfora. Era a única maneira que tinha para se driblar a censura. Eles não perceberam intenção minha, porque não entenderam, mas aí tinha que modificar pra eles entenderem”. As metáforas passavam despercebidas algumas vezes, “devido à rigidez militar, muitas vezes não tinha o conhecimento poético, não entendia de metáfora, aí as vezes passava, não chegou a ser um obstáculo”. Abidoral ainda contou das vezes em que foi chamado à sede da Polícia Federal: “Chamavam a gente na sede da PF, tinha que ir à Fortaleza, aí chegando lá eles diziam – olhe, precisa mudar o texto aqui- a gente ia todo se tremendo, a gente ouvia horrores do que acontecia com gente subversiva, foi traumatizante”.

Foto: Divulgação



3

Geraldo Urano, poeta caririense que junto a Luíz Carlos Salatiel (à direita) fundou o Festival.



4



5

O fim do festival

No âmbito nacional o Festival da Canção começou seu declínio a partir da inclusão da denominação Internacional atribuída pela Rede Globo quando começou a produzir e veicular o evento. Segundo Abidoral, por conta da ditadura existia uma discreta censura apoiada pela emissora, assim “os compositores começaram a tomar ciência dessa coisa toda e se sentiram manipulados. Essa questão de não se expressar livremente... todo mundo queria expressar suas ideias dessa forma”. Como aquele espeço já não representava mais os ideais dos artistas, eles começaram a se afastar, não se renderam, com isso começou a decadência dos festivais.

No caso do Crato havia uma comissão técnica que se dedicava a produzir o Festival. Eles eram responsáveis pelos patrocínios e estruturação. Abidoral conta que nenhum deles ganhava nada pelo trabalho, inclusive reconhecimento. Além disso, alguns foram casando, constituindo família, trabalhando e não detinham tempo para se dedicar ao festival. Assim, o evento foi definhando, até acabar.

Posteriormente, na década de 90, uma nova leva de festivais agitou a cidade do Crato, o Chama – Chapada Musical do Araripe, que acontecia na serra. Em termos de artistas nacionais o Festival foi um sucesso, trazendo nomes como Chico Science e Nação Zumbi, Fagner, Cássia Eller. Foi nesse Festival que João do Crato se apresentou, “eu cantava músicas dos compositores daqui” acentua. Para Abidoral houve des-

respeito aos músicos regionais. O que queriam era se apresentar enquanto artistas reconhecidos e não mais competir como na década de 70. Esse Festival resistiu por quatro edições e foi um evento que impulsionou a realização de outros festivais, como o ainda resistente Festival Cariri da Canção.

Tanto Abidoral como João do Crato relembram os festivais com certa saudade e esperança de que a resistência artística regional ainda vaga pelas ruas do Cariri. Abidoral conta que não vê mais interação entre os artistas, e era justamente isso que existia entre os músicos do festival. Para ele a palavra festival não quer dizer apenas concurso de música, todos eles estavam juntos construindo um movimento vanguardista, “isso aí eu não vejo acontecer mais” desabafa o músico. João tem uma visão mais otimista “a gente sente, eu sinto bastante que esse movimento alternativo que está surgindo, mesmo que setorialmente, eu acho que isso vai ser o grande lance de voltar a acontecer um movimento de vanguarda, futurista”, conta ele embalado pelo seu mais novo projeto, a releitura do disco Tábua de Esmeralda de Jorge Ben. Por fim completa: “aqui tem uma resistência que está intrínseca, e ninguém vai destruir por mais massacrante que seja a indústria. Eu acho que é uma coisa viva, como um vulcão entrar em erupção, acho que já está em processo. Eu boto a maior fé e eu quero que aconteça, pra poder a gente ter alegrias. O tempo vai passando e a gente vai vendo a vida passar e o artista precisa dessa beleza para se revigorar e ter pique”. ■





4º CHAMA
12, 13, 14 de OUTUBRO / 95
NO CORAÇÃO DA FLORESTA
"Antigo Aeroporto do Crato"
IMPERDÍVEL

**CHICO SCIENCE, CASSIA ELLER,
HERMETO PASCOAL, FAGNER,
BOCA LIVRE.**

OFICINAS DE ARTE, EXPOSIÇÕES, FOLCLORE, BARES,
RESTAURANTES, TOTAL SEGURANÇA, LINHAS DE ÔNIBUS,
POSTO MÉDICO, DETRAN, CORPO DE BOMBEIROS E
ESTACIONAMENTO.
SÃO 7.000 METROS DE ÁREA CONSTRUÍDA.

ME CHAMA QUE EU VOU!!!

**III FESTIVAL REGIONAL
DA CANÇÃO NO CARIRI**

CRATO CEARÁ

Realização: 5, 6, 7 e 8 de outubro / 72

Prêmios: 1º. lugar: Uma viagem a Brasília, hospedagem e Cr\$ 1.000,00
2º. lugar: Uma viagem a Belo Horizonte, hospedagem e Cr\$ 800,00
3º. lugar: Uma viagem a Fortaleza, hospedagem no Iracema Plaza Hotel e Cr\$ 600,00

Para interpretação: 1º. lugar: Cr\$ 300,00
2º. lugar: Cr\$ 200,00
3º. lugar: Cr\$ 100,00

INSCRIÇÕES: todo o mês de agosto, na Sede da Fundação Dom Francisco, à rua José Carvalho, 485, em Crato - CE.

CONDIÇÕES: Cada compositor amador pode apresentar até 3 canções, em 10 cópias, e a taxa de Cr\$ 5,00.

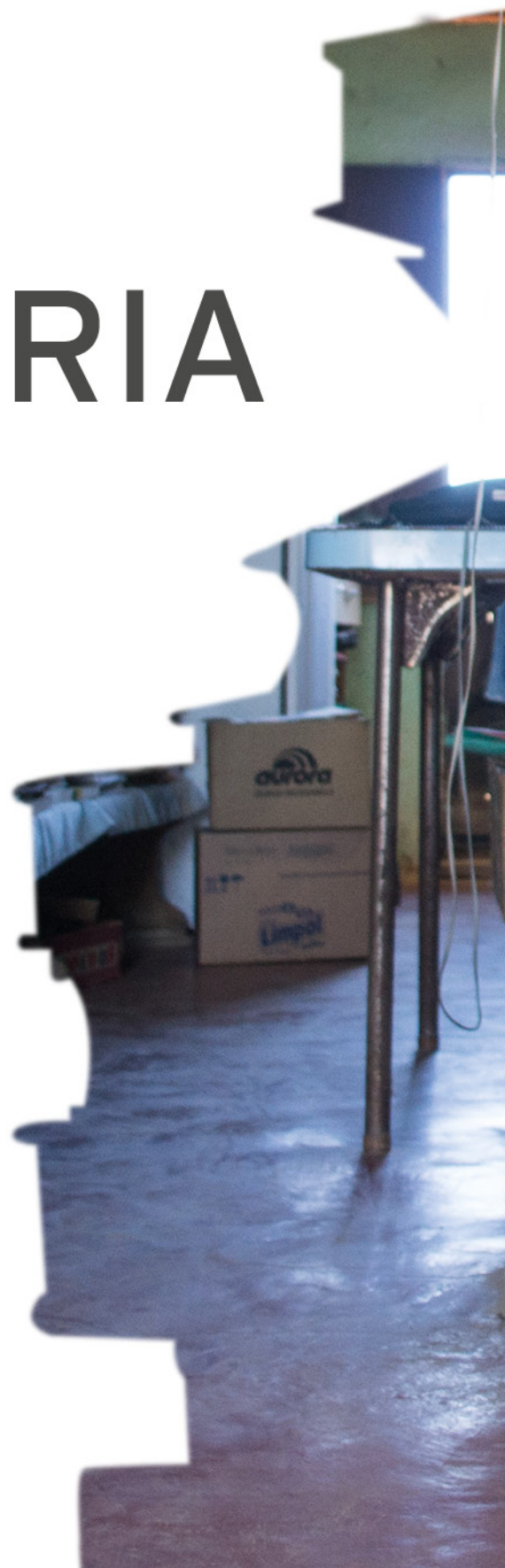
Promoção do MOVIMENTO DE JUVENTUDE/FUNDAÇÃO DOM FRANCISCO

Visite o CRATO por ocasião do III Festival Regional da Canção.

Casa DA MEMÓRIA

Texto e foto: **Rafael Pereira**

Em Ponta da Serra, pequeno vilarejo do Crato, um morador, de 66 anos, põe no ar uma rádio, imprime um jornal e mantém uma biblioteca na sua casa. Formou-se em História, em 2008, na Urca tornando-se memorialista da região.





É na pequena rua estreita e asfaltada do distrito de Ponta da Serra que fica a casa de Antônio Correia. Assim como a maioria das casinhas dessa rua, sua moradia é pequena. Mas se destaca por algo curioso. Na decoração da fachada, um grafite desenhado em tons de azul, preto e branco mostra as características de um senhor de boa aparência. O estilo jovem do desenho carrega traços de leveza e rebeldia. É a única casa da localidade que exibe a indócil arte urbana. No alto da pintura, um letreiro já desgastado pelo tempo, chama a atenção: Rádio Difusora de Ponta da Serra.

"Seu Toim", como é chamado pelos moradores do distrito, distante a 15 quilômetros do Crato, um senhor de baixa estatura, conserva, aos 66 anos, a voz mansa de quem escolhe bem as palavras e preserva gênio tranquilo, paciência e serenidade. Um cidadão conhecido e ao mesmo tempo admirado pelo que faz e por quem é.

Sua casinha modesta já é ponto de visita dos vizinhos, amigos, gente curiosa e crianças que vem de vez em quando pedem livros de sua biblioteca. Localizada na rua Monsenhor Assis Feitosa, número 33, a vizinhança é formada por pacatos moradores que ficam a jogar conversa nas calçadas com assuntos que se prolongam até a noite. O ponto de referência é conhecido por "a rua que fica detrás da igreja", ou seja a pequena paróquia de São José.

"Nasci aqui nessa casa, e nesse quarto que dur-

mo", aponta contente seu Toim o exato local que trabalha, dorme e serve de abrigo desde que veio ao mundo. Viveu uma infância tranquila em que brincava nos açudes da redondeza e jogava futebol na calçada da igreja com "bolas de meia", como descreve as antigas bolas de futebol improvisadas por garotos pobres que não tinham dinheiro para comprar uma de verdade.

A casa de cinco cômodos estreitos disputa espaço com uma infinidade de objetos, muitos deles fora de ordem. Sua biblioteca é composta não só dos livros que estão na estante de ferro, mas de outros espalhados por cima de mesas, cadeiras, pelo corredor, caixas de papelão, etc. Essas obras são de variados interesses para quem quiser pegar emprestado. Segundo ele, quem mais solicita são as crianças. Em um quarto pequeno, ao lado da sala minúscula, há um espaço reservado somente para a sua rádio. Ele tem orgulho de chamá-la de Amplificadora Ponta da Serra, um projeto que carrega desde 2002 com caixas de som e megafones espalhados pelo distrito, além de também ser acessada na internet.

Sua vida na política e posições ideológicas, que defende com convicção, começou em 2002, desde quando se tornou membro do PT (Partido dos Trabalhadores), no Crato. Foi tesoureiro e fundou um jornal no distrito, anterior ao atual, contendo posições ideológicas de esquerda. Mesmo na faculdade era conhecido



A casa de cinco cômodos estreitos disputa espaço com uma infinidade de objetos, muitos deles fora de ordem, onde ficam rádio e biblioteca





**“ME APOSENTEI
RECENTEMENTE E
ALGUMAS PESSOAS
AQUI DISSERAM: É SEU
TOIM, O SENHOR VAI
DESCANSAR, NÉ?. AÍ EU
DIGO QUE NÃO, AGORA É
QUE VOU TRABALHAR”**

por seus longos debates e discussões com professores ou alunos, muitas vezes contrários às suas ideias e a Igreja Católica, religião que também defende.

Brincar de comunicador

Confessa que nunca foi um comunicador nato, mas tem gosto pelo rádio e pelo jornal impresso. Antes de sua amplificadora, em 2002 já funcionava uma rádio FM em Ponta da Serra e, nessa época, ele foi chamado a fazer parte da pouca programação que estava no ar. “Bem Brasil”, um dos programas que seu

Antônio apresentava, tocava músicas no estilo mais brasileiro possível, como MPB, Sertanejo e outras.

A rádio não deu certo e veio a fechar por problemas financeiros e concessão pública. Para ele só durou sete meses de programa. Pegou os equipamentos e levou para sua casa no intuito servir um dia para alguma coisa. Zé Cirilo, que foi técnico dos estúdios da Rádio Educadora do Cariri e amigo seu, o incentivou a montar uma amplificadora. E com sua ajuda, espalhou caixinhas de som pelos pontos principais do distrito e montou os equipamentos em casa.

Desde 2004 funciona a Rádio Amplificadora Ponta da Serra que mantém uma programação de pouco tempo (máximo quatro horas) apenas de músicas e notícias. Com a chegada da Internet no distrito, ele também disponibiliza a programação em um endereço na rede.

Ao mesmo tempo que cuida da rádio, seu Toim escreve e edita um jornal mensal, muito lido na localidade. Há exatas 122 edições, o Jornal de Ponta da Serra é bastante pedido pelos moradores que querem ver assuntos e temas diversos como: aniversariantes do mês, personalidades homenageadas, matérias de saúde e bem estar, dicas de português, crônicas, e muitas outras que variam todo mês. Com oito páginas, formato tablóide, tiragem de 500 exemplares e impresso em preto e branco alguns exemplares são distribuídos até na Crato. As edições coloridas são por ele chamadas de especiais, onde destaca um assunto importante. Ele diz que sobrevive, além da aposentadoria, da venda de anúncios e apoios culturais.

Ainda com tudo isso, seu Toim mantém por hobby um trabalho de catalogação da memória histórica em fotografias que consegue com moradores do lugar, pesquisas de inventários e documentos antigos de famílias de Ponta da Serra e região. Ele diz que esse trabalho é uma missão que empreendeu para tentar corrigir equívocos e contar a história do distrito através da genealogia das famílias. Mantém esses registros em seus blogs e na sua página do Facebook.

Historiador formado pela turma de 2008 do curso de História da Universidade Regional do Cariri (URCA), ele realiza um cansativo trabalho no Departamento de História da Diocese do Crato e no Centro de Documentação do Cariri na URCA (CEDOC) em busca de documentos antigos. Tudo isso como fonte para estudo sobre as famílias de Ponta da Serra.

Ele conseguiu a biblioteca a partir de doações de livros de moradores, de escolas e de amigos intelectuais. O acervo está em três estantes todas lotadas e espalhados pela casa. Todos os livros são disponibilizados a quem quiser pedir emprestado. “Quem pega mais são as crianças, adulto pega pouco”, revela. Destaca a participação dos pequenos com idades que va-

riam dos oito aos doze anos, como sendo os que mais pedem emprestado um livro da sua biblioteca.

Através de um controle ordenado por ele mesmo, mantém sob vigilância as fichas em uma caixinha com os dados de nome do usuário e a obra emprestada. Todo esse esforço e essa boa ação é para compensar uma falta sua, já que não tem o hábito de ler com frequência. “Eu não sou muito de ler, não. Lula uma vez disse que não gostava de ler, eu sou do mesmo jeito. Esse ano não li ainda, vou ver se leio alguma coisa”. As obras são das mais variadas. Porém não sabe ao certo quantas tem. Seu desejo é que um dia o distrito tenha uma biblioteca própria e assim dá espaço a sua pequena moradia.

Mesmo aposentado, não pensa nunca em deixar de trabalhar. “Me aposentei recentemente e algumas pessoas aqui disseram: ‘É Seu Toim, o senhor vai descansar né?’. Aí eu digo que não, agora é que vou trabalhar.”

Os estudos e a formação superior

Depois das complicações da vida e dificuldades em terminar os estudos, Toim só veio concluir o Ensino Médio em 2004, aos 52 anos, pelo Serviço de Educação de Jovens e Adultos (SEJA), em Crato. “Na verdade, quando eu comecei a trabalhar no Bradesco não dava para pegar nem a segunda aula. Eu estudava no Estadual (Colégio Estadual Wilson Gonçalves em Crato). Aí eu fui e tranquei a matrícula e depois de anos eu vim a fazer o SEJA”, conta.

A ideia de fazer faculdade despertou quando uma atendente da instituição o recomendou a fazer um cursinho Prevest. “Aí, quando eu tava para concluir o curso, ela me falou: ‘Olha Seu Toim, o senhor devia fazer o cursinho pré-vestibular aqui’. Eu não tinha planos de fazer faculdade. Eu devo tudo a essa pessoa que praticamente me obrigou a fazer o cursinho.”

Foi aprovado no curso de História da URCA, na posição de 19º. Nos quatro anos que esteve no curso, manteve boas amizades e respeitos de seus colegas e professores. Mas de vez em quando enfrentava debates e acirramentos ideológicos quando queriam atacar sua religião e seu partido político. “Quando eu estive na faculdade e que alguém vinha falar mal de meu partido e de minha religião eu fazia a defesa”, diz.

A placa de formatura em vidro, entrada principal do curso, no campus Pimenta da URCA, mostra a foto tradicional de colação dos 60 membros da turma de 2008. Seus colegas fizeram questão de escolher o nome “Turma: Antonio Correia Lima (seu Ontoim)”, como uma justa homenagem ao membro mais velho do curso, então com 56 anos, que passou a ser alvo de exemplo e inspiração.

Fez concurso para professor e ensinou apenas

TRÊS ESTANTES LOTADAS DE LIVROS ESTÃO DISPONÍVEIS PARA COMUNIDADE. ‘QUEM PEGA MAIS SÃO AS CRIANÇAS, ADULTO PEGA POUCO’

sete meses a disciplina de História em uma escola de Ensino Médio de Ponta da Serra. Ainda hoje, seus ex-alunos o chamam carinhosamente de professor, título respeitoso que ele confessa se sentir constrangido já que não ensina mais. “Este foi o tempo que eu mais ganhei dinheiro na minha vida”, recorda com essa e as boas lembranças de convivência com a turma.

Não deixe a história acabar

Toim já vinha desde antes da faculdade fazendo os trabalhos de resgate à memória. A faculdade foi mais uma capacitação para o duro serviço que ele vinha empenhando há procura de documentos de batismo, casamento, obituários, inventários e outros. Com isso, conseguiu da Diocese do Crato centenas de arquivos digitalizados de documentos desde o século XVIII à 1950.

A recomendação de sua amiga Deni Ribeiro, moradora de Ponta da Serra, pedia para que ele não deixe a história do distrito morrer ou ser mal contada. Toim obedeceu e mantém em pesquisa, além dos documentos que conseguiu da diocese e da URCA, fotografias antigas de moradores do distrito de das redondezas, árvores genealógicas e outros testemunhos contados por moradores. Ele digitaliza as fotos mantém guardadas em uma pasta que também é compartilhada em seus blogs e na sua conta pessoal do Facebook com álbuns do tipo: “Memória Fotográfica de Ponta da Serra – quem somos nós” e “Clã Familiar de Ponta da Serra”.

Além das fotos antigas, ele faz outra coleção dentro de uma pequena caixa de centenas de fotografias de “lembranças de sétimo dia” das pessoas que morreram.

Cidadão curioso em um lugar pacato, ele ver na comunicação e na pesquisa histórica sua missão de vida. Apesar da vida solitária, com família distante, é feliz com o que tem e faz. O que hoje empreende é hobby. Confessa que nada foi planejado e que tudo surgiu de repente: “Para fazer o que faço sempre digo que a culpa não é minha, mas de Deus.” ■



Antônio Correia, seu Toim: “Para fazer o que faço sempre digo que a culpa não é minha, mas de Deus”

“Meu lugar é aqui em Ponta da Serra”

Antônio Correia Lima veio ao mundo pelas mãos de uma parteira em seis de novembro de 1951. Filho de Juvina Paes Barreto e José Correia Lima (hoje falecidos), Toim é um dos cinco irmãos de uma pequena família, pelos padrões da época.

“Eu vivo a esnobar que eu pertencço às seis famílias primitivas da Ponta da Serra”, afirma. Fato comprovado por uma das pesquisas sobre sua origem familiar. Segundo ele, seus ancestrais vieram de vários municípios vizinhos, como Várzea Alegre e Lavras da Mangabeira, e se instalaram em Ponta da Serra no século XIX.

Ele recorda com detalhes os tempos de uma juventude tranquila. Trabalhou em alguns empregos, foi empreendedor, mas nunca fez fortuna. Durante a adolescência estudou no Crato, onde fez o antigo primário e não chegou a completar o Científico (hoje Ensino Médio). Trabalhou no Bradesco na função de contínuo ou “faz de tudo”. Com o tempo foi promovido a Caixa e Supervisor de Caixa.

Aos 25 anos já estava casado e teve o primeiro filho, Phompílio, hoje com 42 anos. Foi morar em São Paulo para tentar a vida. Na capital paulista, em 1983, trabalhou no Shopping Center Ibirapuera. Nesse período já nascera seus dois últimos filhos, Dhiogo e Alana. Depois de cinco anos em São Paulo, resolveu voltar e montou um pequeno negócio no Crato, tocado por ele e a mulher e, paralelamente, trabalhou como técnico em eletricidade. “Meu lugar é aqui em Ponta da Serra”, diz.

Os negócios não deram certo, assim como o casamento. Seu Antônio é divorciado, mas admite que vive uma amizade tranquila com sua antiga e única mulher. Os filhos “estão todos criados”, como professa a expressão popular para os que estão bem estabelecidos e com família. Há vinte anos vive sozinho na pequena casa em que nasceu. Confessa que mesmo na solidão não se sente só. Nem reclama.

EMBATE COM O TEMPO

Texto e fotos: **Priscila Araújo**

Barbalha fica na região do Cariri Cearense, cerca de 534 km da capital do Estado. Sua população é de 59.343 habitantes. E, se os casarões construídos nessa cidade falassem, se elas pudessem contar uma história? Com certeza, as lindas fachadas nos diriam que somos aquilo que levamos tempo para construir ou talvez sejamos fruto da resistência ao tempo.

A cidade teve sua fundação em terras particulares, nasceu rica e nobre. No início era as terras do capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá, casado com D. Maria Polucena de Abreu Lima, Sergipana. Este casal teve a licença do visitador Manuel Antônio da Rocha, representante diocesano, em 1778, para fazer a primeira construção de uma capela sob a invocação de Santo Antônio, dando-lhe em troca patrimônio de meia légua de terras e gados. Barbalha foi elevada à categoria de Distrito em 17 de agosto de 1846 e à de Município em 30 de agosto de 1876.

Para o professor Francisco Aldo Luna Gomes, que é formado em Letras e pós-graduado em Gestão Escolar. E tem um projeto que se chama "Barbalha Cultural" onde leva as crianças para conhecer a história da cidade onde residem. "As crianças, quando visitam o nosso patrimônio arquitetônico, ficam encantadas.

Esse projeto Barbalha Cultural tem mesmo esse foco de valorizar a nossa história, pois não podemos mudar o presente desconhecendo o passado".

Atualmente os prédios históricos de Barbalha estão localizados em pleno centro urbano, nas principais ruas, alguns outros um pouco distantes. Contamos agora um pouco da história desta cidade pelas fachadas dos seus Casarões e suas Igrejas, que desperta a atenção dos visitantes. Essas construções são a herança de um povo.

Sobre a preservação dos prédios históricos, o professor Aldo disse que "poderiam estar melhores preservadas, mas, de um modo geral, principalmente os públicos e os da paróquia, temos visto um razoável zelo. Sinto falta de uma "cartilha" contando a história de cada um e sedimentando nas crianças e nos jovens mais informação e mais amor à nossa história".

Um dos pontos mais marcantes dessa história foi "A parte da história que mais me chama a atenção é o idealismo de muitos barbalhenses que lutaram em prol do seu desenvolvimento. A criação do Centro de melhoramento de Barbalha, por volta de 1937, foi um grande marco. Com o apoio de seus membros, vieram os principais colégios, fábricas, hospital e etc", relatou o professor.



Igreja Matriz de Santo Antônio - 1785

Os alicerces da capela de Santo Antônio foram feitos em 1785 e sua construção levou cinco anos. Ela foi construída sobre uma colina próximo ao rio Salamanca. A capela de Santo Antônio somente passou a ser Paróquia em 30 de agosto de 1838. O primeiro pároco foi o Padre Pedro José de Castro e Silva. Atualmente a Paróquia de Santo Antônio tem como pároco o Padre Cicero Alencar Ferreira. É nos arredores desta igreja onde toda a cidade vai se desenvolvendo e crescendo.





Igreja de Nossa Senhora do Rosário - 1860

A segunda Igreja da cidade foi construída em 1860. A Igreja de Nossa do Rosário foi inaugurada no dia 02 de fevereiro de 1921, a missa foi celebrada por D. Quintino Rodrigues. Foi construída por negros, muitos morreram soterrados na construção dos alicerces, por causa das grandes chuvas na região. O altar foi talhado à mão em madeira, pelo mestre artesão Manoel Roque, já a imagem de Nossa Senhora do Rosário foi presente da senhora Cosma Porcina de Sá Barreto Sampaio, que trouxe da França. A Igreja ficou conhecida como um templo para os negros e escravos, daí o nome inicial de Igreja do Rosário dos Pretos. Depois ficou conhecida somente com o nome de Nossa Senhora do Rosário.





Solar Maria Olímpia 1885

O casarão Maria Olímpia vai de um lado do quarteirão ao outro lado. Possuindo 17 portas e 17 janelas. Sua construção é datada no ano de 1885 e foi realizada pelo Cel. Francisco Rodrigues. Durante muito tempo sua estrutura foi utilizada para abrigar alguns comerciantes e algumas residências também. Um fato importante é que o solar foi alvo de saques que acontecerão em Barbalha durante a sedição de Juazeiro.

Por conta de sua arquitetura luxuosa e aparência imponente o prédio também servia para saraus e bailes de casamento para pessoas ilustres como o Sr. Manoel Joaquim de Santana e Maria Olímpia Coelho de Santana.





Casarão Hotel 1877

Atualmente sede da Secretaria de Cultura e Turismo de Barbalha, o Casarão Hotel possui três andares onde também funciona uma biblioteca. Ele foi construído por Antônio Manuel Sampaio, rico comerciante e dono da primeira máquina de vapor da região do Cariri, o prédio foi inspirado nas grandes construções de Recife, sua obra foi toda feita por escravos. Foi tombado pelo Decreto Nº 16.237 de 30/11/83.





Estação Rodoviária Engenheiro Dória 1932

Com implantação isolada e as quatro fachadas valorizadas, a antiga estação ferroviária, encontra-se defronte a Praça Engenheiro Dória e se destaca por seus traços arquitetônicos e pela cobertura em telha francesa, sustentadas por estruturas de ferro.

Os trilhos da RVC (Rede de Viação Cearense), chegaram ao Crato em 1926, fruto de um projeto com a finalidade de abranger Missão Velha, Barbalha, Juazeiro e Crato. Em Barbalha a construção foi iniciada em 1932 e concluída em 1950, sendo apenas um ramal que saía de Juazeiro para Barbalha com o objetivo de escoar a rapadura e gesso produzido no município.

Construída pelo engenheiro, Dr. Dória, a estação ferroviária de Barbalha não teve vida longa, o trem funcionou somente cinco anos, antes de ser desativado. A praça que fica à frente da Estação também recebeu o nome de Engenheiro Dória, em homenagem ao seu construtor. Atualmente na estação funciona o apoio rodoviário intermunicipais e interestaduais.





Casa de Mãe Yayá - 1907

Foi construída pelo casal José de Sá Barreto Sampaio e Maria Costa Sampaio em 1907. A casa apresenta dois detalhes arquitetônicos raros: o mirante e uma cisterna para recolher as águas da chuva. No ano de 1906, Mãe Yayá, Maria Alacoque Sampaio, nasceu na casa. Ela era poetisa, pintora, escritora e autora da letra e música "Canta Barbalha", hino oficial do município, reluzente nos dias festivos.





Como vive OS SUR

Texto e foto: **Sabrina Ribeiro**



m DOS

Instituto Transformar - INTRA, órgão da comunidade surda do Cariri encontra-se fechado em seu espaço físico. A comunidade surda ainda carrega o nome do Instituto em suas ações desenvolvidas na região, mostrando a marca e gratidão à fundação, que teve peso significativo na educação e cultura surda caririense

O Instituto Transformar - INTRA, localizado na cidade de Juazeiro do Norte, encontra-se fechado para reformas. O órgão ultrapassa seus quatro anos interditado, estando sem uso para comunidade surda e ouvinte interessada. Com o papel de atender aos surdos do Cariri e de regiões próximas, o INTRA em seus doze anos de atividades passou a ter destaque na vida dos surdos. Sendo as ações de financiamento próprias dos frequentadores do lugar, o Instituto ainda não conseguiu sua reestruturação, levando a comunidade a desenvolver suas atividades em demais localidades.

Os surdos passaram a marcar eventos, dentre eles, reuniões; palestras voltadas às dúvidas da comunidade sobre temas de inclusão; curso voltado para a profissionalização do intérprete e atividades de cunho



Foto: Sabrina Ribeiro

Os surdos seguem lutando não só pelo reconhecimento, mas pela implantação da Libras em ambientes frequentados por qualquer cidadão



Foto: Divulgação

Intérprete Rute Leandro com a fundadora do INTRA Gina Petterson

OS SURDOS PASSARAM A APRENDER A UTILIZAR SEUS DIREITOS E LUTAR, COMO ENTRAR NA ÁREA EDUCACIONAL INCLUSIVA”

social, em associações ou em órgãos que lhe acolhessem, como a Central de Interpretação de Libras – CIL, que, segundo a Professora e Intérprete, Raquel Oliveira, “o objetivo da Central é garantir atendimento de qualidade às pessoas com surdez ou Deficiência Auditiva – DA, por meio de serviços de tradução e interpretação, ampliando a comunicação e interação entre surdos e ouvintes”.

As ações desenvolvidas pelo INTRA ainda são presentes na vida dos surdos. O Instituto fortaleceu a união da comunidade em todo o Cariri, assim como possibilitou a conhecer seus direitos e buscar cobrá-los e exercê-los.

Criado em 2001, o INTRA, chegou com o objetivo de expandir a Libras para os surdos da região do Cariri. Para Gisele Gama, Professora de Libras da Universidade Federal do Cariri, “o INTRA abriu espaço para receber muitos surdos, permitiu que ficássemos juntos, aprendendo a libras. Nós, surdos, procurávamos o Instituto quando tínhamos algum problema e sempre encontrávamos pessoas dispostas a nos ajudar”.

Quando fundado, o INTRA teve denominação de Associação Caririense de Deficientes Auditivos, a ACADA. Com a mudança na legislação em relação aos termos referentes as pessoas não ouvintes, como relata a professora Gisele, “por motivos burocráticos e legislativos a associação e a escola passaram a ser chamado de Instituto Transformar (INTRA)”. A expressão “Deficiente Auditivo” foi trocada por um nome que agrega toda história de representação da cultura surda, ou seja, uma instituição – o INTRA, que veio transformar a vida dos surdos.

A Instituição foi uma ideia dos missionários, Gina Petterson, João Petterson, com a ajuda de Marli Gavioli. O casal buscava atender a comunidade surda da região do Cariri. “No começo era só escola, um tipo de reforço para surdos. Ensinava a libras, muitos chegaram lá sem saber nenhum sinal. Após isso, começou-se a ensinar os vários conteúdos. Tinha surdos que estudavam fora,



Foto: Divulgação

Ana Kelly, Gisele Gama, João Filho, Francisco Andrade, Rute Leandro e Mardônio Oliveira em passeata ao Dia Nacional do Surdo no dia 26 de Setembro, em Juazeiro do Norte

em uma escola normal de manhã ou à noite (sem intérpretes) e a tarde iam ao INTRA, para receber ajuda em suas atividades escolares, afirma Gisele.

O intuito era a criação de uma escola bilíngue, uma escola que pudesse atender a comunidade surda e dar oportunidade igualitárias de aprendizado. O que não ocorre no Brasil. A luta por escolas bilíngues se dá há muito na comunidade. As escolas, atualmente, oferecem disciplinas como Língua Portuguesa, o Inglês ou Espanhol, em sua grande disciplina, não incluindo a Libras, segunda língua oficial do Brasil, de acordo com a lei 10.436.

O Instituto era voltado para atividades de auxílio no ensino da Língua Brasileira de Sinais. Com a mudança em sua nomenclatura, houve transformações no regimento interno em relação as ações desenvolvidas. O INTRA passou a promover palestras, eventos sobre a Libras e com isso, segundo Gisele, “os surdos passaram a aprender a utilizar seus direitos e lutar, como entrar na área educacional inclusiva com direito à intérprete de Libras”. Para ela, “o avanço nas temáticas dos surdos otimizaram a busca por uma efetiva inclusão e deram a luta dos surdos, maior impulso”.

A língua de sinais é a língua dos surdos. Vários países possuem sua língua, assim também acontece com os surdos. No Brasil, a comunicação entre ouvintes (pessoas que escutam) e não ouvintes, acontece através da Língua Brasileira de Sinais, a Libras, assim como dentro da comunidade surda. A Libras passou a ser reconhecida e oficializada por meio da Lei 10.436, como segunda Língua oficial do Brasil, tendo a portuguesa como primeira.

As ações da comunidade surda se destacam pela língua de sinais. Os surdos seguem lutando não só pelo reconhecimento, mas pela implantação da Libras em ambientes frequentados por qualquer cidadão, desta forma, é possível haver a real inclusão, quando a sociedade é aberta às adaptações para acolhimento de todos.

O papel do Intérprete

O intérprete e tradutor da Língua Brasileira de Sinais, possui a função de tradução entre duas línguas, neste caso, da Libras para o Português ou vice-versa. Este ofício surgiu da carência que os surdos sentiam no ato de conversação com pessoas ouvintes, como afirma Cleide Barbosa, Presidente da Central de Interpretação de Libras - CIL, “muitas vezes levando amigos ou familiares para desempenhar a posição de interpretação, sem que ao menos dominassem a Libras, o que era bastante prejudicial para o conhecimento do surdo”. Para o intérprete da Universidade Federal do Cariri, Francisco Andrade, “o intérprete entra, então, como facilitador para que seja possível a comunicação do surdo em sua primeira língua, que é a Língua Brasileira de Sinais, e o ouvinte em sua língua natural, que é o Português aqui no Brasil”.

No Cariri, o INTRA teve grande relevância na formação dos profissionais intérpretes. O Instituto proporcionou cursos em 2010, 2011, 2012 e 2013, como afirma Rute Leandro, Intérprete da Universidade Federal do Cariri e formada em todos os cursos oferecidos pelo Instituto de capacitação para oficializar e habilitar o intérprete em sua atuação. Assim, a região do Cariri passou a construir uma equipe que auxiliava os surdos em sua comunicabilidade com ouvintes.

Diante disso, a CIL despertou para a importância do intérprete no atendimento a comunidade. A Central se localiza no município de Juazeiro do Norte e atua, junto à equipe, atendendo as demandas de surdos que chegam ao Cariri, muitos vindos de cidades mais distantes. Os intérpretes que operam suas funções dentro do Centro, são de forma voluntária, visando a necessidade que o surdo possui para as atividades do seu dia a dia. Para Raquel Oliveira, intérprete do Centro, “o objetivo é garantir atendimento de qualidade às pessoas surdas ou deficientes auditivas, por meio de serviços de tradução e interpretação, facilitando o acesso a serviços públicos e

informações diversas, ampliando a comunicação e interação entre surdos e ouvintes”. Para ter acesso aos serviços prestados pela CIL, deve-se fazer o pré-agendamento, como informa Raquel, “as solicitações são através de pré-agendamentos ou, em casos de emergência, via webcam. Há ainda as salas especiais para acolhimento e intermediação comunicativa de assuntos particulares do surdo, ou atendimento conforme a necessidade, sendo em hospitais, fóruns, bancos, delegacias ou outros”.

Por muitos anos, o profissional intérprete era desvalorizado em sua profissão perante a legislação, que não garantia seus direitos de acordo com seu trabalho. Até agosto de 2010 não havia regulamentação na lei para os seus serviços. Em muitos momentos eram vistos como Professor de Libras, que estavam ali com o encargo de ensinar a Libras para o surdo, ou, ainda, eram vistos como pessoas voluntárias que ocupavam tal posição para ajudar a pessoa com surdez.

Em Setembro de 2010, com a lei 12.139, o profissional Tradutor e Intérprete de Libras passa a ser regularizado de acordo com o real ofício de sua ocupação. Para Rute Leandro “a importância se dá em que até então nós não éramos reconhecidos enquanto profissionais, ainda era muito forte a questão do assistencialismo. A partir da lei, esse paradigma vem sendo aos poucos quebrado”.

Cultura Surda

Pouco se sabe como vivem as pessoas surdas, como funciona as adaptações a uma sociedade, em maioria, ouvinte. O conceito de cultura possui várias acepções, dentre elas, significa hábitos praticados por determinado grupo. João Filho, Natural de Fortaleza e Professor da UFCA, “Existem várias culturas espalhadas pelo mundo, como a cultura afro que se destaca nos penteados, no cabelo Black. A cultura deles é algo diferente das outras, por exemplo, possuem em alguns determinados países, próprios idioletos, a cultura dos surdos se difere por ser uma cultura visual”.

Relata ainda, “A comunicação em LIBRAS, sofre

vários fatores que constituem a cultura dos surdos, devido a não audição, a visão acaba substituindo este sentido e a comunicação ocorre de uma maneira visual-espacial, através da Libras”. O primeiro aspecto desenvolvido pela comunidade não ouvinte foi a esfera comunicativa, através da Língua de Sinais, adaptando-se ao uso de sinalização para dialogar-se.

Em seu cotidiano, o surdo busca inúmeros modos para a socialização. Por exemplo, não é correto usar do grito com o surdo para chamar sua atenção. Não haverá comunicação. Um meio seria apagar e acender a luz, assim, ele perceberá a mensagem através de sua capacidade visual.

Um exemplo de adaptação à casa dos surdos, para João, “é a campainha luminosa. Ao tocar a campainha, uma luz acende e avisa ao surdo que tem alguém na porta, isso é uma adaptação visual. As mensagens de texto no celular, a maneira de se comunicar através de uma vídeo-chamada, são características da cultura dos surdos”, afirma.

Os surdos não possuem a audição, mas sua sensibilidade e sentido de vibrações são bastante ativos. “Os surdos sentem a vibração de algumas músicas e conseguem, então, sentir prazer. Alguns sentem prazer em escutar música, quando tem vestígio de audição”, relata João Filho.

Há outras formas de culturas enfatizadas dentro da própria língua de sinais. Como qualquer outra língua, a Libras possui características pertencentes a cada região, o conhecido regionalismo.

Os sinais expressos mudam de interior para capital, de região para região. Exemplo, o sinal verde no Cariri se caracteriza pela configuração de mão em V passando pela mão fechada; já no Rio de Janeiro, este mesmo sinal pode ser visto como o indicador um pouco fechado e encostando no queixo. Os sinais mudam e isso é uma peculiaridade da variação linguística, que se encontra também na cultura surda é “uma maneira diferente de comunicação de linguagem, com uma variação no idioma, podemos assim refletir”, diz João. ■



A Libras passou a ser reconhecida e oficializada por meio da Lei 10.436, como segunda Língua oficial do Brasil

O olhar de uma militante

Cleide Barbosa, presidente da Central de Interpretações de Libras, fala sobre a cultura dos surdos do cariri

Como você enxerga o papel do Intra no desenvolvimento da cultura surda?

O Intra hoje é o principal espaço de desenvolvimento da cultura surda do Cariri, por ser o espaço de discussão das problemáticas, tomadas de decisões e das reuniões sociais.

Como funcionam as ações desenvolvidas pelos surdos?

Ações de sócio educativa com campanhas sobre drogas, incentivos educacionais, culturais, e empoderamento para a luta surda, organizando audiências públicas, palestras, campanhas e passeatas.

Há uma periodicidade em relação aos eventos desenvolvidos?

Dos eventos sim, tem um calendário dentro da comunidade com alguns eventos pontuais anuais. Por exemplo: Dia da Lei da Libras, Dia do Surdo, Dia da Luta das pessoas com deficiência, entres outras.

O INTRA se encontra fechado? Ele irá reabrir?

No momento a sede encontra-se fechada devido a alguns aspectos estruturais, mas a comunidade continua em atuação, espero que abra e retorne logo.

As ações oferecidas pela comunidade surda, há abertura para junto à ouvintes?

Sim, a comunidade é constituída de surdos e ouvintes, todos usuários de Libras.

O INTRA surgiu inicialmente como apoio educacional. Como você enxerga a participação dos surdos dentro das escolas?

Iniciou-se como uma escola para pessoas surdas, hoje, percebe-se que os surdos precisam ser inseridos em uma educação inclusiva. Alguns pontos precisam ser repensados, principalmente nas séries iniciais de alfabetização, nossa luta hoje é por um Ensino Bilíngue nestas séries.

Além de capacitações, quais outras atividades eram ofertadas pelo Instituto Transformar?

Apoio pedagógico, incentivo à pesquisas, cursos profissionalizantes e apoio psicossocial aos surdos e seus familiares.

Com o INTRA fechado, quais canais os surdos buscam para encontros e divulgar de sus ações?

Geralmente espaços públicos ou Central de Interpretação de Libras do município.

Vocês contam com voluntários? Como ocorre essa parceria?

Sim, os voluntários são surdos e ouvintes que disponibilizam seu tempo para desenvolver alguma ação dentro da comunidade, os mesmos procuram a diretoria e apresentam um projeto, sendo aceito ou não.

Atualmente, como você enxerga a cultura surda no Cariri?

Hoje temos uma comunidade muito atuante, que a todo tempo mostra o que é, como é, e porque temos essa cultura.

Você sabe nos dizer como estão sendo concebidos cursos para quem quer aprender a Língua Brasileira de Sinais?

No momento os cursos só estão sendo disponibilizados pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC.

Para demais de cursos, há alguma organização direcionada na formação de Intérpretes?

Sim, recentemente o SENAC - Crato, lançou o primeiro curso de intérprete Tradutor da Língua Brasileira de Sinais, em nível técnico.

O INTRA conta com algum tipo de verba? Como é organizado o setor financeiro da Instituição?

No momento não, os projetos para capacitação de verbas estão sendo elaborados para próximos anos, quando possivelmente sua sede já estará em funcionamento. A organização financeira da instituição se dá através do regimento do estatuto.



Foto: Sabrina Ribeiro



Teatro RESISTÊNCIA

Texto: **Anna Carla de Moraes**

A Trupe dos Pensantes é um dos grupos teatrais mais ativos do Cariri Cearense. Entre textos, partituras e espetáculos montados desde 2010, a Trupe provoca e encanta o cenário teatral da região. Tudo começou na Universidade Regional do Cariri, quando estudantes do Curso de Licenciatura em Teatro se reconhecem em encenações de cunho sociopolítico e começam a pesquisar o método do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal. A Trupe compartilha e se propõe à ideia de que teatro é um importante veículo de transformação social



Seria um equívoco apresentar a Trupe dos Pensantes (TP) como um grupo de teatro caririense, somente. Entre as perguntas que compõem esta pauta, a que mais perturba, no sentido mais honesto desta palavra, todo o processo de produção dela, foi a de “o que é a Trupe dos Pensantes?”. Para responder a tal questionamento, levaremos em conta o reconhecimento, que não nos exige grandes observações, de que: o traço movedor da Trupe é essencialmente a pluralidade. Deste modo, faz-se necessário que reformulemos a pergunta para “o que são a Trupe dos Pensantes?”

Nascida dentro da Universidade Regional do Cariri, a Trupe é fruto de um grupo de estudos criado em 2010 por Lorena Gonçalves e Carla Hemanuela Bezerra, sobre o Teatro do Oprimido (TO) método criado pelo dramaturgo brasileiro Augusto Boal. Atualmente composta por quinze pessoas, entre atores e não atores. Suas encenações relatam necessariamente opressões, angústias e mazelas sociais.

Não é apenas um teatro politizado. O grupo compartilha da ideia do teatro que transforma a sociedade. Antes da atuação teatral está o exercício à cidadania, a preocupação de pensar em si e a insistência de perceber o outro, em ações beneficentes nas áreas rurais e periféricas da Região Metropolitana do Cariri, principal lugar de atuação do grupo. O teatro para os “trupianos”, como se denominam, é, e não apenas, a ferramenta. “Resistir para existir” título dado ao trabalho de conclusão de curso da nossa entrevistada, Carla Hemanuela, considerada pelo grupo como “a mãe da Trupe”, responde bem ao

nosso primeiro questionamento: a Trupe dos Pensantes é antes de tudo um ato de resistência.

Academia

Em 2010, Carla Hemanuela Bezerra e Lorena Gonçalves, fundadoras da Trupe dos Pensantes (TP), ingressam no Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Regional do Cariri (URCA) e tornam-se colegas de turma. Mas ali não se deu o primeiro contato entre elas. As duas já haviam trabalhado juntas na Cia. Brasileira de Teatro Brincante, dirigida pelo dramaturgo Cacá Araújo, desde 2004.

Logo no início do curso, a partir das disciplinas de cunho prático, foi-se percebendo que a identidade artística de ambas dialogava e diferenciava-se do restante da turma. As temáticas dos seus trabalhos sempre partiam de assuntos que as inquietavam, com elaborações de cenas que problematizavam questões políticas e sociais.

O reconhecimento desta afinidade aproximou as duas pessoalmente e profissionalmente, culminando na descoberta das técnicas do Teatro do Oprimido, como explica Carla Hemanuela: “Nas disciplinas práticas fomos (eu e Lorena) nos encontrando. Nossas encenações sempre discutiam contextos sociais. E foi no processo de aprofundamento e pesquisa de como faríamos este teatro, que encontrei um livro que falava do teatro do oprimido, mas não tinha sido escrito por Boal. E ali nos encontramos. Era aquilo mesmo que fazíamos e gostávamos de fazer”.





Atrizes no primeiro espetáculo montado pela Trupe Pensante, Marcas, de 2013

O grupo

Pouco menos de um ano após o encontro com a metodologia teatral desenvolvida pelo dramaturgo carioca Augusto Boal, foi montado um grupo de estudo sobre o seu método de teatro. Os encontros aconteciam uma vez por semana no Centro de Artes Maria Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau. Além de Carla Hemanuela e Lorena Gonçalves faziam parte do grupo: Stella Bonfim (terceira fundadora da Trupe), Bárbara Leite, Jamal Corleone, todos alunos do curso de Tetro da URCA, exceto Danilo Brito, que é companheiro de Hemanuela e interessou-se pela temática na época.

Os conhecimentos adquiridos com o estudo da teoria do Teatro do Oprimido eram aprofundados com a prática dos exercícios citados no livro de Boal "Jogos para atores e não-atores". Tudo que era desenvolvido e pesquisado no grupo de estudos direcionava-se às disciplinas práticas da universidade. "Íamos cursando as disciplinas e pensando encenações para um possível trabalho da Trupe", explica. Neste contexto, nasce o primeiro espetáculo da Trupe: "Marcas", como lembra Carla Hemanuela: "Na disciplina de Fundamentos da Linguagem Teatral, foi proposto um trabalho conduzido a partir das nossas memórias. A primeira etapa foi individual. A memória que trabalhei tratava de violência infantil. Quando compartilhamos as cenas em sala, vi que Lorena tinha o mesmo tema que eu e acabou que o professor juntou as nossas partituras e formamos uma cena de cinco minutos. Nela se concretizava a nossa ligação com Teatro do Oprimido. Esta cena foi a célula de "Marcas". Dali se iniciou todo o espetáculo".

Evolução

Ao mesmo tempo da composição de "Marcas", já em 2012, Lorena Gonçalves, cursou a disciplina "Processo de Encenação I". Nela, trabalhou o texto "Eles Não Usam Black Tie", de Gianfrancesco Guarnieri e cria adaptação nomeada de "Onde Estão Nossos Black Tie?", fazendo paralelo com a linha de pesquisa sobre teatro do oprimido. É no processo criativo desta adaptação que batiza-se o nome do grupo como "Trupe dos Pensantes".

Outra adaptação feita por Lorena, foi a do livro "Capitães da Areia", do escritor baiano Jorge Amado, seguindo também a metodologia de Boal. Em 2014, na disciplina de "Processo de Encenação III", ela apresentou "Capitães do Asfalto", trabalho que assume peculiaridade dentro da história da trupe, pois exigiu uma produção bem mais estratégica e convidativa.

O número de membros no grupo era insuficiente para a quantidade de personagens do espetáculo. Neste período, o grupo contava com quatro integrantes apenas. Para trazer mais pessoas e formar o elenco, foram distribuídos pela URCA cartazes-convites que explicava a linha de pesquisa da Trupe e a nova proposta de trabalho.

Aproximadamente, quinze pessoas participaram da encenação, e a maioria delas decide continuar e fazer parte do grupo. Com isto, os "trupianos" passam por um momento de fluxo de componentes expressivo, que vem a ser uma constante: "Capitães do Asfalto" marca um tempo de mudanças bruscas. Foi neste projeto que vi muita gente entrando e muita gente saindo também. Hoje este processo é compreendido



Carla Hemanuela, fundadora da Trupe, no espetáculo "Ser Mainha"



O ator Luiz Fernando em uma cena de Alô Brasil, de 2015

por nós como natural, porque entendemos que estar aqui nos traz muitas obrigações, muitas responsabilidades e pouco retorno financeiro. Não vemos o teatro como comércio, mas como uma ferramenta de transformação social. E nesta condição, não é todo mundo que pode, acredita ou quer permanecer nisso".

A poética da Trupe dos Pensantes

O fazer artístico do grupo fundamenta-se no teatro politizado, inspirado em um teatro de resistência, desenvolvido principalmente durante os vinte anos de ditadura militar no Brasil (1964 – 1985). A trupe acredita na arte como revolucionária. Na arte que questiona, que tenciona, que incomoda e por isso transforma. Faz também, e não somente, o Teatro do Oprimido. Através da lógica de Boal que acredita o teatro como "algo que existe dentro de cada ser humano e em qualquer lugar", desenha sua própria assinatura conduzindo seus trabalhos para espaços não convencionais.

Os espetáculos são pensados na preocupação de desenvolver cenários de rápida e fácil adaptação. Fugindo da ideia do palco italiano, suas estruturas são produzidas para as ruas, praças, salas de aula, comunidades, entre outros ambientes. O objetivo é levar arte para outros universos. Outro traço do grupo é a mediação como proposta pedagógica.

Após cada espetáculo, é feita uma roda de conversa, mediada por Stella Bonfim, também fundadora da trupe e pesquisadora dessa estratégia de aproximação de obra e espectador. Acredita-se na relevância desse momento como fonte de reflexão e discussão que trabalha o senso crítico do público e instiga novos olhares e percepções de uma mesma obra.

Para fazer parte do grupo não se exige que seja ator ou estudante de teatro. Sua formação é mista, composta por profissionais e estudantes de diferentes áreas - engenharia de materiais, direito, serviço social, entre outros. Atualmente, conta com quinze pessoas, em que seis são encenadores no grupo. A encenação surge de uma proposta, que pode ser feita por qualquer membro, e necessariamente precisa focar em problemáticas sociais. São apresentadas nas reuniões burocráticas que acontecem toda segunda-feira, na Sociedade São Vicente de Paulo (SSVP). A partir disso, todos do grupo que se identificam com aquela temática, amparam e constroem o espetáculo em conjunto, reunindo-se em reuniões específicas com o núcleo. É importante destacar que as metodologias que guiam os atores variam de direção para direção, somente a linha de pesquisa é a mesma, com caráter sociopolítico.

A sonoplastia de todos os espetáculos da trupe é feita ao vivo. Os músicos variam entre convidados e "trupia-

2012

Onde Estão Nossos Black Tie?

Direção: Loreнна Gonçalves

“Onde Estão Nossos Black Tie?” é uma livre adaptação do texto “Eles Não Usam black Tie” de Gianfrancesco Guarnieri. O espetáculo contextualiza os movimentos grevistas no Brasil de 1950 aos dias atuais.

2013

Por um Fio

Direção: Carla Hemanuela Bezerra

“Por um Fio” é uma livre adaptação do texto “Vida Privada” de Mara Carvalho. Esta comédia romântica traz discursões sobre relacionamentos amorosos, machismo e violência contra a mulher.

2014

Capitães do Asfalto

Direção: Loreнна Gonçalves

“Capitães do Asfalto” é uma livre adaptação da obra “Capitães da Areia” de Jorge Amado, aborda a vivência de crianças órfãs e moradores de ruas, que roubam para sobreviver em uma cidade grande.

2015

Ser Mainha

Direção: Stella Bonfim

“Ser Mainha” coloca a gravidez em reflexão sobre os direitos individuais da mulher, frente aos contextos sociais e contemporâneo. Levantando temas como: aborto, gravidez psicológica, violência obstétrica e parto humanizado.

2016

Ternura

Direção: Kleber Benício

“Ternura” traz para cena a realidade de violência contra o idoso. Expõe a exclusão social, o abandono familiar, e as violências físicas, psicológicas e institucionais.

2017

A Terceira Coisa

Direção: Leonardo Alves

“A Terceira Coisa” é uma livre adaptação do texto “A Mãe de Brecht”, com três músicos-atores em cena, o espetáculo discute e faz alusão histórica das lutas da classe trabalhadora.



2013

Marcas

Direção: Carla Hemanuela Bezerra

“Marcas” retrata os abusos e violências contra crianças e adolescentes. Estabelecendo contato direto com seus espectadores que discutem e traçam estratégias que encorajem as vítimas e de reconhecimento das mesmas.

2014

Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto

Direção: Carla Hemanuela Bezerra

“Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto” conta a história de Mateus e Catarina, figuras do reisado, que percorrem pelo mundo levando contos populares. Questionando o excesso do mundo digital na vida das crianças na atualidade.

2014

Rosas Pálidas

Direção: Carla Hemanuela Bezerra

“Rosas Pálidas” é uma livre adaptação do conto “Uma Branca Sombra Pálida” de Lígia Fagundes Telles. Esta trata das dificuldades enfrentadas por pessoas LGBTQTT ao se assumirem na rua e em suas próprias casas.

2015

Alô Brasil

Direção: Carla Hemanuela Bezerra

“Alô Brasil” é inspirada na história de Frei Tito de Alencar. Reflete a ditadura de 1964 em comparação com as ditaduras sociais impostas nos dias de hoje. Discutindo as relações de poder e opressões.

2017

Cantando Gonzaga

Direção: Raquelina Barros Justino

“Cantando Gonzaga” conta o sertão nas vias da vida e obra de Luiz Gonzaga, ícone da música nordestina, questiona os estereótipos criados do povo do Nordeste.

nos” que além da atuarem alguns são instrumentistas.

Outro traço pedagógico do grupo destaca-se na experiência com as comunidades. Depois de perceber as necessidades sociais mais gritantes daquela população é pensado e escolhido o espetáculo que melhor responde à problemática. Para que aquele espaço se torne um momento de autorreflexão para os espectadores.

A Trupe como movimento social

Todas as ações do grupo são de forma independente. Além de levar seus espetáculos gratuitamente, elabora oficinas de teatro do oprimido em comunidades e zonas rurais de difícil acesso na Região do Cariri cearense. As parcerias com outros projetos e movimentos sociais, surgem através da inserção dos próprios “trupianos” nestes meios, que acabam por fazer ponte com o grupo.

Desde 2015, a trupe faz parceria com a Sociedade São Vicente de Paulo (SSVP) - Confederação de organizações humanitárias ligadas à Igreja Católica, atuantes em mais de duzentos países - de Crato-CE. Mesmo sem ligações diretas religiosas, o diálogo com esta instituição se dá no sentido social e artístico. As contribuições da TP está na participação dos projetos desenvolvidos pela SSVP como o “Galpão das Artes”.

O projeto funciona na sede da SSVP de Crato, onde são ministradas aulas de desenho, música e oficinas de teatro para as crianças e adolescentes de baixa renda. Em contrapartida é doado o espaço da sede, onde também ocorrem as reuniões do grupo e foi o local que sediou a Trupe em Ação I e II.

Questionada sobre como e por que se dá a natureza de movimento social da trupe, Carla Hemanuela esclarece: “Justamente por entender e acreditar que o teatro é uma possibilidade de transformar o humano. Dentro das nossas salas de ensaios discutimos, nos sensibilizamos. Em quatro paredes nos atentamos para os fatos. Nós, atores, primeiro nos aprofundamos para que o teatro nos transforme, porque somente quando o teatro nos transforma podemos atingir segundos”. ■

Foto: Divulgação



Cantando Gonzaga, de 2017, mistura a história do Rei do Baião com ênfase na opressão sofrida pelo povo nordestino

Mostras solidificam presença da trupe no Cariri

Em 2015, o grupo produziu um evento independente, que reuniu todo o repertório do grupo até então. Nomeado de Trupe em Ação I, o momento configurou-se na primeira mostra de espetáculos dos “trupianos” e como toda estreia contou com grandes desafios de estruturação e produção.

O primeiro deles foi o trabalho de conseguir espaço que pudesse comportar o acontecimento. Os poucos teatros que existem entre Crato e Juazeiro, estavam comprometidos nas datas ou fechados e sem movimentação previstas, como o Teatro Municipal Salviano Arraes Saraiva, em Crato.

Neste contexto, foi estabelecida a parceria da trupe com a SSVP, quando esta passou a emprestar sua sede. Contudo, na época, o prédio que é muito antigo, era pouco movimentado e acabara de ser invadido e sucateado por vândalos. Sem nenhuma condição aparente de estruturação para a mostra, a resposta do grupo é a persistência.

Os próprios “trupianos” reformaram todo o prédio - rebocaram muros, pintaram paredes, taparam os buracos do piso, costuraram cortinas, etc. “Queríamos dar o mínimo de conforto e estrutura para aquele prédio. Foi a mostra que tivemos mais gastos, porque nós só tínhamos aqueles sete espetáculos e a vontade de fazer. Então, planejamos ações como pedágio, venda de alimentos nas universidades, bazar... Foi assim que conseguimos fazer a Trupe em Ação”.

Durante os finais de semana (sexta, sábado, domingo) de setembro e outubro de 2015, aconteceu a Trupe em Ação I, reunindo mais de mil e duzentas pessoas de diferentes faixas etárias. A mediação, comandada pela “trupiana” Stella Bonfim, foi a essência desenvolvida naquele momento. Hoje característica primordial dos espetáculos do grupo, discutir para levar os assuntos abordados nas apresentações foi o objetivo alcançado na primeira mostra.

Já em 2016, motivados pelo êxito da Trupe em Ação I foi realizada a segunda edição. Desta vez com novos formatos. A proposta foi de levar a trupe para novos espaços “por entender que não tinha sentido fazermos a mesma programação da primeira”. Decidido isto, foram convidados dois grupos de teatro: Cena Fórum, de Caucaia-CE e a Cia Yoko de Teatro, de Crato-CE. O grupo Cena Fórum, que também trabalha com o Teatro do Oprimido, apresentou-se na mostra com o espetáculo: “Cabeça Poder Bananas”, trazendo a tona a discussão sobre comportamento e relações de poder, interagindo com as faces reais do Brasil. A Cia Yoko de Teatro participou com o espetáculo: “Eu Rondei e Vou Rondar”, sua temática sobre a

identidade de gênero e sexualidade, trata o cotidiano em misto de realidade e ficção.

Outra atividade desenvolvida foi a chamada “Olhar de Fora”, trazendo desta vez convidados especialistas e pesquisadores de teatro para compartilhar seus olhares diante dos trabalhos apresentados. Participaram deste momento os professores do Curso de Licenciatura da URCA: Cecília Lauritzen, Luiz Renato Moura e Mateus Gonçalves e os artistas Jerônimo Gonçalves e Rodrigo Tomaz. No domingo pela manhã de cada semana, dois deles acompanhavam as trocas de experiências e debatiam as metodologias adotadas pelos coletivos.

A Mostra Trupe em Ação II, é marcada pelas apresentações nas comunidades de: Água Fria em Barbalha, com o espetáculo “Quem Conta Um Conto Aumenta Um Ponto”, atividade que abre esta edição, e Vila São Bento em Crato, com “Marcas”. A escolha deste espetáculo para a comunidade de São Bento não foi à toa. Pouco tempo antes da apresentação, uma moradora havia desaparecido e o principal suspeito é o namorado, que ainda está preso e a vítima nunca foi encontrada. Estavam entre os espectadores os familiares da vítima que compartilharam do momento difícil que estavam passando, chamando atenção para necessidade de agir contra a violência doméstica e o feminicídio, dialogando assim com o espetáculo.

Esta última, desta vez aberta para grupos que não seguem a mesma poética de teatro, como a Cia. De Teatro e Dança Traquejo, de Exú-PE, e os coletivos Dama Vermelha e Atuantes em Cena, ambos de Juazeiro do Norte-CE. Participou novamente o grupo Cena Fórum, de Caucaia-CE. “A proposta da Trupe em Ação III foi de abrir espaços. Independentemente se os grupos falavam nossa língua ou não. Quisemos experimentar as propostas de outros também. E entendendo as dificuldades reais de fazer teatro nesta região, tivemos como objetivo gerar espaços para outros grupos”. Na programação oficial da Trupe em Ação III, a mostra encerrou no dia dezesseis com o espetáculo “Kilene” da Cia. De Teatro e Dança Traquejo. Porém, no sábado, 17, todos os grupos que participaram da mostra se reuniram na sede da SSVP, onde realizaram a “troca de experiência” momento em que os grupos compartilharam e trocaram suas vivências e suas poéticas. Com sete peças teatrais, incluindo as novas produções da trupe “Cantando Gonzaga” e “A Terceira Coisa”, a mostra ocorreu principalmente no Teatro Sesc Adalberto Vamozi, em Crato-CE, na comunidade de Água Fria em Barbalha-CE, em Jamararu (distrito de Missão Velha) e na Praça da Sé em Crato-CE.

Crise motiva

PEQUENOS NEGÓCIOS

Texto: **Leilane Alves**
Fotos: **Yuri Hennderson**

A revista Caracteres entrevistou microempresários que, frente ao desemprego, driblaram à crise e montaram pequenos negócios dentro da formalidade

Hortência de Melo tem 34 anos é casada com Cácio Alves de 31 anos e tem um filho de 7 anos, o Netinho. Ela é dona de casa, formada em contabilidade, esposa, mãe e também microempreendedora que faz parte dos dados de aumento das microempresas. Junto com seu marido, possuem um negócio próprio, um ponto comercial localizado no bairro Pio XII, em Juazeiro do Norte, onde vende calçados no varejo e revende também para o atacado. Entre cuidar do filho e da casa, Hortência se divide para organizar a mercadoria exposta, verificar os pedidos dos clientes da internet, escolher os modelos de calçados a serem produzidos para a semana seguinte, conferir o estoque de mercadoria, lançar as vendas diárias numa planilha no computador, tudo para gerenciar o negócio que possuem.

Observando o casal Hortência e Cácio se percebe o espírito empreendedor que ambos possuem e principalmente ela que parece ter alma de vendedora. Em uma conversa informal, feita através de uma rede social, ela falou um pouco sobre a sua história. Ela conta que eles estão nesse ramo dos calçados a dez anos e que, na verdade, é uma tradição de família, “os avós do meu esposo já vendiam calçados, o pai dele tinha uma fábrica de sandálias, veio passando de geração em geração e nosso filho já passa o dia aqui na loja com a gente, se ele seguir o mesmo caminho já será a quarta geração no ramo de calçados”.

Durante dez anos eles não tinham uma empresa legalizada, seu esposo apenas transportava calçados para outras pessoas revenderem, mas a um ano eles legalizaram e agora têm seu próprio ponto, um negócio formal que ajudou e muito as vendas, “com certe-

za fica melhor para poder atender tanto as pessoas do bairro como as pessoas que moram em outras regiões”, reconhece ela quando perguntei sobre o porquê eles tinham resolvido investir em empreendedorismo e formalidade depois de tantos anos trabalhando da mesma forma; “meu esposo sempre teve na veia o sonho de ter o próprio negócio, eu ainda passei um tempo tentando concurso público, mas acredito que ele me influenciou muito e juntos resolvemos abrir nosso negócio”.

Internet

Hoje a internet tem se tornado um dos maiores aliados dos microempreendedores, a facilidade de divulgação, a comunicação rápida e com um alcance sem limites, ajuda nas vendas, na propagação de uma ideia ou serviço fornecido pelo microempresário.

Hortência conta que é através da internet que ela faz o marketing da sua microempresa e também pode atender a clientes dos estados de Pernambuco, Paraíba, Piauí e em todo o estado do Ceará. “Com certeza a internet é um meio facilitador para a divulgação da nossa marca”, ela afirma e atribui a isso a expansão significativa dos negócios.

O ponto comercial da Hortência e do Cácio, hoje é reconhecido como microempresa e atende tanto o público Juazeiro e cidades da região do Cariri, como outros estados. A organização e gerenciamento são feitos por eles mesmos e segundo ela a dificuldade nessa parte está em decidir o quanto será investido da margem de lucro, o quanto será para o capital líquido e o quanto irão poupar, apesar dessas dificuldades ela reconhece que sua formação em contabilidade facilitou.



Hortência de Melo, 34, e seu marido Cácio Alves, 31 anos, possuem um ponto comercial localizado no bairro Pio XII, em Juazeiro do Norte, onde vendem calçados no varejo e revendem também para o atacado



Dona Silveira: “Eu louvo a Deus porque nós conseguimos pagar as nossas contas e viver praticamente com o lucro da marmitaria”

ta um pouco essas decisões que podem fazer o negócio deslanchar ou quebrar.

Apesar da crise que a maior parte dos brasileiros está sentindo na pele as consequências, Hortência fala que “graças a Deus nosso negócio está prosperando”, quando eu perguntei sobre a crise financeira do país ela disse que legalizar a empresa fez toda a diferença, “agora podemos divulgar nossa marca nas redes sociais, com o CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica) facilitou muito no caso de comprar mercadorias das fábricas de grande porte, recebemos o alvará para funcionar, podemos agora lançar nossa marca no mercado sem nenhum medo e trabalhando da forma correta com certeza nos encoraja a ter novos projetos e aumentar nossos sonhos”.

Crise

Falar em crise financeira com um empresário de grande, médio ou pequeno porte, é falar praticamente com um especialista sobre o assunto. Se o cidadão tem emprego, ganha um salário razoável e está em dia com suas contas, consequentemente ele compra mais e assim aumenta as empresas e os lucros dos empresários, em contrapartida, se o cidadão está desempregado ou afundado em dívidas, ele não compra e as suas dificuldades financeiras passam a ser a dificuldade do empresário.

Conversando mais especificamente sobre a crise, Hortência explicou algo curioso sobre suas vendas, “podemos sentir um pouco da crise em relação as vendas no varejo, mas o nosso forte mesmo são as vendas no atacado”; isso significa que sua empresa de calçados revende em grandes quantidades para diversos lugares do estado e para outros estados também, “as vendas no atacado alavancaram pelo fato de que a

gente proporciona ao nosso cliente ele ter uma renda extra, um cliente com cem reais ele consegue começar seu próprio negócio, a gente fornece isso para ele, mostramos a ele que é possível ele também começar seu próprio negócio com uma margem pequena de investimento, melhorar de vida em meio a crise”.

A cozinha salva Dona Silvia

A alimentação é responsável por boa parte dos gastos domésticos e pensando nisso foi que Silvia Helena resolveu abrir seu próprio negócio para fornecer refeições coletivas. Silvia tem 45 anos, casada com Franco Júnior, pastor de uma igreja evangélica e tem 3 filhos, moram em Juazeiro do Norte e a microempresa funciona em sua própria cozinha. Ela é dona de casa em tempo integral, mas a quase cinco anos resolveu que precisava ajudar o marido com as despesas da casa, “comecei nesse ramo pela necessidade, chegou o dia que foi necessário eu ajudar a manter a nossa casa, o que eu sabia fazer era cozinhar e eu coloquei isso na minha cabeça, um dia eu acordei e disse que eu ia começar”.

Silvia acorda 7 horas da manhã e começa logo cedo colocando no fogo as panelas de arroz, feijão, carne e tudo que ela vai servir naquele dia; enquanto seu esposo vai ao mercado fazer as compras do dia para abastecer a marmitaria com frutas, verduras e legumes que precisam ser comprados no dia. As 11 horas ela começa a montar as marmitas e logo em seguida começa a enviar para os clientes até por volta das 13h, rotina que se repete de segunda a sábado.

Persistência

Quando mal administrada uma empresa sofre drasticamente com os efeitos da crise econômica do

país, mas um dos fatores que fizeram Silvia ter um negócio próprio bem-sucedido foi a persistência. Ela conta que no começo foi difícil, mas não desistir fez sua empresa crescer e ganhar notoriedade. “No primeiro dia saíram vinte e dois almoços, mas no segundo dia saíram só duas. Eu não desisti porque eu tinha muita convicção que aquilo iria dar certo, que eu poderia ajudar Júnior a manter a casa e cuidar dos nossos filhos com aquilo. Deus foi acrescentando e mesmo que tenha se passado alguns meses saindo pouco, as vendas foram aumentando”.

A persistência também se estende a aprender a administrar seu próprio negócio e foi o que ela fez. A mãe dela já tinha uma microempresa de refeições em Fortaleza, então ela tinha uma noção básica de como fazer, “eu mesma produzo e administro, meu marido repõe mercadoria e sai para entregar os almoços, enquanto eu administro a organização da microempresa e o financeiro também”.

Impossível não mencionar a palavra crise sempre que falamos em empresas devido ao cenário atual do nosso país, mas quando questionada sobre isso Silvia fala que não sofreram tanto assim com o impacto que inúmeros microempreendedores sentiram em suas empresas, “acredito que poderia estar melhor, mas não me afetou ao ponto de pensar em fechar ou demitir alguém, nesse ramo o problema é mais a inconstância dos clientes, um dia tem mais, no outro tem menos, mas não afetou tanto assim a ponto de eu querer desistir”.

A marmitaria serve tanto a pessoas físicas quanto a empresas e para Silvia a maior dificuldade é essa, “eu não trabalho só com empresas e as pessoas não

pedem todos os dias, então varia muito, principalmente na última semana do mês sentimos uma diferença maior na quantidade de pedidos, mas nada que seja tão grande. A média de pedidos geralmente é de 60 a 70 por dia”.

Sustento da família

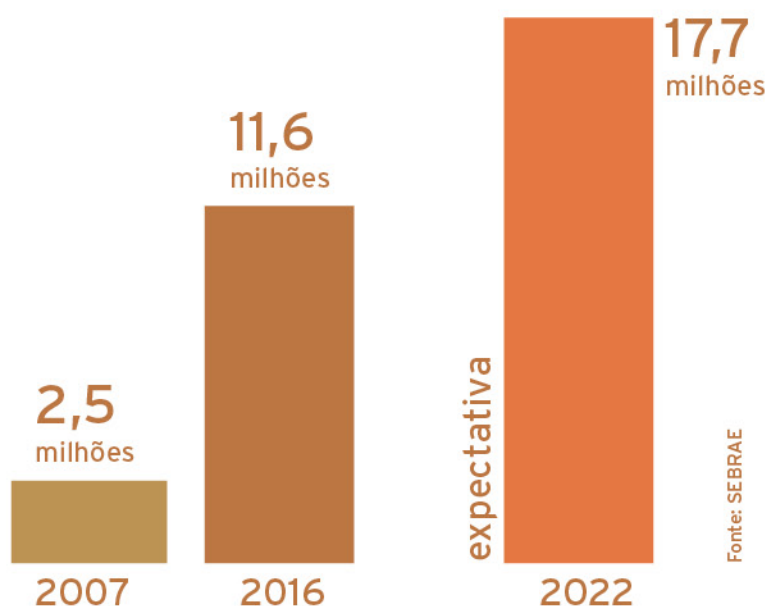
“Eu louvo a Deus porque nós conseguimos pagar as nossas contas e viver praticamente com o lucro da marmitaria”, Silvia fala contente quando questionada sobre os lucros, “ainda não dá para guardar um bom capital, mas nós temos investimentos como carro, terreno, moto, conseguimos viver razoavelmente bem na medida do que podemos proporcionar, eu me vejo vivendo em um nível de vida melhor do que eu costumava viver antes, tudo através da marmitaria”.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) o Brasil têm treze milhões trezentos e vinte e seis mil (13.326) desempregados, a pesquisa foi divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no trimestre que terminou em julho. Com números tão altos uma saída é a criatividade e ser dono do próprio negócio e para Silvia esse é, sem dúvida, uma excelente forma de manter uma vida mais equilibrada financeiramente, “antes da marmitaria vivíamos no limite, não poderíamos jamais comprar um terreno, tínhamos um carro mais antigo, não saíamos para lancha ou jantar fora, quase nunca saíamos e hoje a gente pode pagar um terreno, proporcionar um meio de condução a um filho e se dar ao luxo, se a gente quiser, uma vez por semana sair para comer fora, viajar nos feriados, adquirir coisas que antes nós não poderíamos”. ■

Crescimento de pequenas empresas no Brasil

O projeto Simples Nacional permitiu a formalização de milhões de pequenas empresas.

Microempreendedor individual (MEI) é quem trabalha por conta própria e é registrado como pequeno empresário com renda de até R\$ 60.000 por ano ou R\$ 5.000 por mês.



O mimi É REAL

Texto e Foto: **Luan Duarte**
Ilustrações: **Lúrio Ferreira**



O que você quer ser quando crescer? Como pretende viver? Já tem um emprego? Tem certeza dessa formação? Essas e outras inúmeras perguntas são direcionadas aos jovens que adentram ou já estão inseridos no ambiente universitário, como questões que precisam ser solucionadas rapidamente, levando em conta o ritmo e a correria do mundo moderno. Pressões desse tipo, fragilizam a saúde mental dos estudantes, podendo desencadear uma série de transtornos e distúrbios que influenciam e prejudicam a vida social como um todo.

Ainda é comum associar a questão da saúde mental como loucura, bobagem ou “falta do que fazer”. Segundo a psicóloga que atua na Universidade Federal do Cariri (UFCA), Yane Rodrigues (28), isso acontece devido um ranço histórico, de não tratar do assunto e segregar quem entra em crise atrás das grades, tirando o indivíduo de vista e de certo modo, anulando-o da sociedade.

Segundo a pesquisa do grupo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) de Estudo de Riscos Cardiovasculares em Adolescentes (Erica), quase um em cada três adolescentes brasileiros sofrem de transtornos mentais comuns (TMC), caracterizados por diversos fatores. Segundo Yane, isso ocorre, devido essa faixa etária estar propícia a emergência de crises. A transição do final da adolescência para o início da idade adulta é um fator comum, pois esse momento é conhecido por muitas mudanças e incertezas, que intensificam as emoções e acabam configurando os jovens como público-alvo desses distúrbios. O que não quer dizer que a população geral não sofre com esses problemas, mas normalmente, o grupo mais atingido são os que se encontram na juventude.

Os universitários costumam ter mais esclarecimento e acesso a informações e isso acaba gerando uma percepção mais aberta sobre o funcionamento da mente. “Geralmente, ele percebe que não está bem ou os colegas reparam e buscam ajuda”, explica Yane sobre o porquê de neste grupo ser tão mais visíveis os transtornos. “Muitas vezes as responsabilidades e necessidades que chegam, tiram esse sujeito da zona de conforto que ele consegue responder. Então, no momento em que se vê sem um repertório de respostas para uma demanda nova ou muitas que surgem ao mesmo tempo, há uma sensação de ruptura, que desperta a crise. Fazendo com que uma frustração naquela área prioritária, reflita de forma muito mais intensa, como se fosse um fracasso na vida como um todo”, acrescenta.

Além das pressões e da faixa etária, a fase de adaptação é outro fator que compromete a saúde mental dos universitários. Tanto pela ruptura do ensino médio e introdução à vida acadêmica, quanto pela

falta de suporte familiar dos jovens que estudam fora da sua cidade ou região. “Eles enfrentam um período de adequação muito intenso. Vejo isso como um fator que muitas vezes, agrava a vulnerabilidade do estudante e se torna o gatilho para desencadear algum desequilíbrio”, relata a psicóloga.

Mal do século

É muito relativo as questões de melhorias nos distúrbios mentais em estudantes. Alguns tem um tipo de cura por meio de tratamento, outros possuem um acompanhamento, mas não tem necessariamente uma regeneração, vai depender muito do tipo de sofrimento que a pessoa apresenta, comenta a psicóloga. Além de que, é difícil identificar esses problemas, pois na saúde mental não há exames específicos, e sim psicológicos, que são usados com muito cuidado, cautela e critério, porque, essa avaliação psicológica não vai dá um resultado exato. Segundo Yane, o diagnóstico só vem depois de seis meses de acompanhamento, antes disso são somente levantadas hipóteses.

Geralmente, quando procuram ajuda psicológica, às pessoas optam por um psicólogo, pelo preconceito a um psiquiatra. Entretanto, pode-se procurar qualquer profissional que tenha abertura para ouvir e experiência com saúde mental. O diferencial é poder fazer essa escuta e acolhimento de forma qualificada. “Onde você compreende o sofrimento que a pessoa traz, e consegue pontuar a partir daí, as intervenções que ela pode fazer e precisar, para que ela avalie o que acha melhor para sua vida”, relata Yane.

Caminho desajustado

Quando se entra na adolescência, nos deparamos com inúmeros questionamentos, um dos que constantemente assombram a vida dos jovens é a pergunta “O que você vai ser quando crescer?”. A partir dela, Rosa Ravena, 22, estudante do segundo semestre de Jornalismo da UFCA, criou diversos planejamentos de como seria sua vida. “Quando cheguei no terceiro ano eu estudei muito, me esforcei, mas na hora da prova eu “caí”. Depois disso, comecei a entrar num buraco. Já me sentia bem mal, pois, estava passando por um estágio de depressão, e comecei a ficar agressiva”, relata.

Ravena tem transtorno de ansiedade e um caso de depressão, e começou seu tratamento em 2012, passando por várias intervenções. “Na primeira vez que fui no médico (psiquiatra), comecei a tomar pondeira e o rivotril, mas era horrível porque esse último, inibia qualquer coisa. Não era igual a outros remédios, ele tira algo que você começa a sentir falta. Então, parei com a medicação em 2013, com mais ou menos três meses. Quando foi no final de 2015, eu estava num estado catatônico; não levantava ou saía de casa,

Males que assolam os corredores

Segundo a psicóloga Yane Rodrigues, da UFCA, é comum confundir os diversos tipos de psicopatologias que adentra a vida dos universitários, obtendo muitas vezes, pré-diagnósticos sem auxílio de um profissional, o que acaba prejudicando a vida do estudante. Os principais distúrbios que afetam esse grupo são a ansiedade, depressão, fobia social e os transtornos de humor de maneira geral. Na maioria dos casos, pode-se desenvolver algum problema ou crise isolada, que não necessariamente poderia se repetir. “Algumas vezes por um momento de grande pressão, o indivíduo manifesta uma crise de ansiedade ou depressiva, onde houver cuidados e reconhecimento de certos limites, se evitaria outras episódios parecidos”, explica Yane.

- A ansiedade é um transtorno que geralmente acompanha o estudante há muito tempo. Muitas vezes, por funcionar de forma ansiosa, os jovens nutrem pensamentos de que as coisas podem e vão dar errado. Esses problemas acabam tomando muito espaço na vida do universitário, acompanhado de várias sensações fisiológicas. Como ataque cardíaco, hiperventilação, sudorese nas mãos, tremores, tensão muscular, falta de sono ou uma inconveniente vontade de dormir em horários inadequados.

Já a depressão, é uma questão comportamental, fisiológica e neurofisiológica, onde a química do cérebro fica alterada em determinadas manifestações, explica a psicóloga. Nela, vários neurotransmissores que são responsáveis pela sensação de prazer, bem-estar e pelo desejo de viver, ficam afetados, onde são presentes os sentimentos de menos-valia e pessimismo. “Geralmente é tratada com antidepressivo e psicoterapias que vai lidar com a questão de reabilitação psicológica e psicossocial, onde o sujeito volta e lida com as questões traumáticas ou que geram bloqueios psicológicos”, explica Yane.

Na fobia social, os relatos são semelhantes a um ataque de pânico, em que inesperadamente, surge uma crise bem intensa (diferente da ansiedade que é algo mais constante e há um processo de adaptação negativa a viver com esses sintomas). “O sujeito passa a evitar contatos sociais, por temer ter uma crise e que ela seja notada. Além do medo da intensidade desse momento, há a sensação de morte, que é causada muitas vezes pela própria repercussão que isso tem no organismo. É uma questão que envolve muito a somatização, onde o que está passando pela cabeça dela, é sentido como real ameaça”, relata a Yane.





A psicóloga Yane Rodrigues da Universidade Federal do Cariri: “No momento em que o estudante se vê sem um repertório de respostas para uma demanda nova há uma sensação de ruptura, que desperta a crise”

tinha crises de ansiedade a cada 15 dias. Era muito frequente a falta de ar e um tipo de sufoco”, conta.

Logo após isso, Ravena, procurou uma psicóloga que lhe orientou a tomar remédios, algo que ela não queria. Ainda assim, foi à procura de um clínico geral que possibilitou uma melhor explicação sobre as dúvidas que tinha. Atualmente ela toma três comprimidos de cloridrato de venlafaxina por dia. “Eu acho que se eu não estivesse com a medicação, não sei em qual seria meu estado. Ela ajudou na minha inserção na universidade e nas coisas que aconteceram do começo do ano até agora”, fala.

Por conta desses distúrbios, ela já abandonou dois cursos de graduação. “Pior foi quando eu entrei na UFCG (2014) em Letras, que eu tinha crise no momento que saía de casa, quando chegava na faculdade e no caminho de volta. Não conseguia ficar na sala de aula e nem entendia o que o professor dizia. Quando fazia Biblioteconomia (2013) aqui (UFCA), consegui cursar um semestre ainda, porém na UFCG eu não consegui ficar um mês, porque nada entrava na minha cabeça”, explica.

Suas crises pesadas costumam vir acompanhadas de muitos pensamentos e coração acelerado. Algumas vezes isso acarreta em um choro sem fim, e tem momentos que mexe com seu corpo todo ou com a respiração que começa a falhar. Com um sorriso no rosto e o questionamento de “O que eu sou além da ansiedade?”, Ravena acredita que numa escala de 0 a 10, sua ansiedade estaria em 6,5.

O TCC

O último semestre da graduação costuma ser um dos mais propícios a despertar distúrbios mentais, devido às pressões para formulação de um trabalho final e as inúmeras incertezas do mercado de trabalho. Para Carlos Santos (nome fictício) (21), recém graduado em Administração, pela Faculdade Paraíso (FAP), o oitavo semestre foi o mais atribulado e conturbado, fazendo despertar necessidade de um acompanhamento psicológico.

- Eu estava só imaginando que o dia ia chegar e eu teria que apresentar aquele trabalho sozinho lá na frente. E pelo que assistia de outras apresentações, via que os professores acabavam muito com os outros trabalhos. Nisso eu acabei colocando um nível muito alto pra mim, não podia ter um erro. Coloquei na mente que estava errando muito e não ia apresentar um bom trabalho, a banca vai xingar meu trabalho, pensei. Foi uma pressão tão grande que desisti, e por conta da fobia adiei o TCC pra um semestre. Eu poderia ter terminado no final do ano do ano passado. Esse momento foi o de maior pressão e crise na universidade, de precisar adiar uma cadeira.

Carlos tem fobia social e por conta disso já deixou de apresentar projetos, de criar redes sociais e enviar trabalhos científicos para eventos. “Eu nunca tive vontade de fazer essas coisas porque iria apresentar em auditório ou congresso e não pela parte do fazer, mas do apresentador”, comenta. No último semestre pensou em desistir dos cursos várias vezes, mas conse-



guiu terminar a graduação.

O jovem descobriu o problema através de leituras na internet e tentou se tratar por conta própria, como não obteve resultados, procurou ajuda médica. Hoje faz tratamento com uma psicóloga e não sente crises como antes. “As psicoterapias me deixaram mais feliz, era como se eu colocasse uma coisa para fora que sempre quis por. É algo que quero continuar. Atualmente, sinto pouca ansiedade, mas quero um dia não sentir nenhuma”.

O medo

Muitas vezes, os distúrbios mentais podem estar ligados a traumas, como é o caso da Monalisa Rolim (24), estudante do sexto semestre de Sistemas de informação na Faculdade de Juazeiro do Norte (FJN).

- Eu tive um ataque cardíaco, passei mal perto da faculdade e quando voltei para casa fiquei com uma sensação de que se eu fosse sair de lá novamente, iria passar mal de novo, sem ninguém para me ajudar. Com isso fiquei com o transtorno do pânico, onde, não podia pensar em sair de casa, que já me dava aquela ansiedade de que ia acontecer alguma coisa e sempre sentia isso. Então tomei uma decisão e fui pra psicóloga que deu esse diagnóstico.

Mona, como gosta de ser chamada, tem o apoio e ajuda dos pais, dos amigos e da namorada. Atual-

mente só toma o medicamento quando sente alguma necessidade. “Eu estava fazendo tratamento, e estava tomando remédio. Só que eu parei com seis meses de ir, porque a médica disse que, se eu realmente me sentir bem e com vontade de parar, eu poderia. Hoje, só uso quando eu realmente preciso. Quando, por exemplo, tem alguns lugares que quero ir e penso que vai acontecer algo, aí acabo tomando”, relata.

Ela já teve duas crises na faculdade, sendo uma delas, durante uma prova. Algumas vezes fica empolgada em fazer certas coisas e quando chega perto da realizá-las, a autoestima vai toda para baixo. O que resulta em lamentação e culpa por não ter feito aquilo. Quando é solicitada para deixar uma mensagem a quem tem algum tipo de transtorno da mente e não pede auxílio, ela diz: “Vão à procura de ajuda, pois sozinho você não consegue, eu tentei ficar sozinha, mas isso não resolveu nada. Com ajuda melhorei mais ou menos 90% das minhas crises, você precisa de gente pra te ajudar em qualquer momento.” ■

Caracteres e Entrelinhas

Publicações do Laboratório do Jornalismo Impresso da UFCA

Publicações da Disciplina de Laboratório de Jornalismo Impresso



Ética, técnica e arte



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI

Nem vítima, nem Mártir

Texto: **Pâmela Queiroz**

Beata Maria de Araújo, em março de 1889, durante a liturgia ordenada pelo Padre Cícero, na capela de Nossa senhora das Dores, recebe na comunhão a hóstia e, logo em seguida, o “corpo de Cristo” (para os cristãos) transforma-se em sangue em sua boca. O fenômeno mudou totalmente a vida de Padre Cícero e de Juazeiro do Norte. No entanto, hoje a beata Maria de Araújo é praticamente esquecida



É fato que o Juazeiro do Norte se construiu a partir de uma narrativa histórica muito particular, os misticismos que habitavam o Joaseiro no século XIX, ainda permanecem vivos hoje. Um dos que ainda move a cidade é o milagre da hóstia que se fez sangue, responsável por materializar todo o cenário de fé, trabalho e devoção criados sobre a cidade.

O milagre que volta os olhos de Roma para o Juazeiro do Norte é protagonizado durante um ferrenho período de seca no sertão e mudanças paulatinas nas estruturas de influência e poder da igreja Católica. Além das movimentações e tentativa de retomada do poder da igreja, o século XIX também é marcado pelo avanço científico. Os setores tradicionais, começaram a moldar estratégias para manter as movimentações da religiosidade popular sob controle. O Milagre que é considerado por muitos historiadores o marco criador da cidade, foi protagonizado pela Beata Maria de Araújo que hoje, assim como na maior parte da história, é pouco conhecida pelos fiéis. E afinal, quem é essa mulher?

Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo, nascida em 24 de Maio de 1862, é filha de Antônio

da Silva Araújo e Ana Josefa do Sacramento, pessoas também desconhecidas pelos registros oficiais. Ainda muito jovem, tendo seus pais falecidos, Maria Magdalena começou a trabalhar com artesanato, confeccionando bonecas de pano fiadas à algodão.

Já orfã de pais, por reflexo da sua necessidade e fé, ela começou a frequentar a casa do Padre Cícero onde em pouco tempo passou a residir. Maria de Araújo pertencia a um povo tocado pela fé, ela acreditava que para manter uma relação íntima com Deus não era preciso a interferência de cargos clericais ou mesmo da igreja. Desde a infância manifestava sinais de inclinação às atividades coletivas e espirituais, mas foi apenas com 22 anos que ela adotou os hábitos de freira e passou a ser considerada beata por prática.

O fato mais importante da sua vida, foi o milagre em que a hóstia transformou-se sangue na sua boca. Março de 1889, durante a liturgia ordenada pelo Padre Cícero na capela de Nossa senhora das Dores, a Beata Maria de Araújo recebe na comunhão a hóstia e, logo em seguida, o "corpo de Cristo" (para os cristãos) transforma-se em sangue na sua boca. O mistério continuou a acontecer sucessivas vezes, alguns historiadores apontam que ocorreu entre oitenta e cento e vinte vezes, por aproximadamente dois anos.

O Padre Cícero e a Beata tentaram manter os episódios místicos o mais anônimos possível temendo a reação do clero em Roma, porém a notícia de que, em Juazeiro, Jesus derramava seu sangue, espalhou-se. Deixou o sertão rumo a capital, em seguida o mundo.

Em Juazeiro não era novidade a atuação de populares em atividades religiosas, ou uso dos espaços da igreja para tais. Existiam tensionamentos constantes, pois a Santa Sé em Roma, pretendia resgatar a autoridade e o pleno controle dos cultos católicos, afastando os leigos desta função. Efetivamente se pode afirmar que no início do mesmo século na região do Cariri cearense, assim como em outros lugares do Brasil, era constante a presença de Beatos e Beatas no cotidiano das igrejas.

Com os constantes acontecimentos o próprio Padre Cícero convidou dois médicos e um farmacêutico da sua confiança para analisar o caso, tendo eles presenciado o misticismo várias vezes. Analisaram a hóstia, o sangue, a carne e a beata; até então não existiam explicações científicas para tal fenômeno, e os médicos enfim constataram que se tratava de uma manifestação sobrenatural. Ainda em 1889, aconteceu o que é considerado o primeiro ciclo de romarias, que era destinada ao milagre da hóstia, proferido por Maria de Araújo.

Em Abril de 1891 o caso se intensificou substancialmente após o jornal "O Cearense" publicar o atestado do Dr. Marcos Rodrigues Madeira que relatava com detalhes a ocorrência da transformação de



Acervo de museu, um dos poucos registros da Beata Maria de Araújo

hóstia em sangue, presenciado pelo médico. Para o bispo já parecia ser grave os padres da sua diocese acreditarem em episódios ocorridos com uma mulher que nem mesmo se sabia a origem. Para além disso, o fenômeno foi eleito como místico sem a autorização do Bispo da Diocese.

A quebra de hierarquia se colocou como um primeiro embate questionador do milagre. Dom Joaquim então, declarou ser embuste o sangue da Beata. Para ele, “um milagre é coisa muito séria” e a igreja não admitiria quaisquer manifestações contra a sua vontade, muito menos cultos e romarias sem permissão.

Como são poucos os registros históricos sobre a vida e atuação da Beata Maria de Araújo, não se sabe ao certo em que lugar crédulo ela esteve, mas pode-se afirmar que a Beata tomou para si o espaço de serva das obras de deus acreditando fielmente no milagre.

A igreja então se volta para um processo de análise do milagre a fim de provar para si mesma que os fenômenos do interior do Nordeste não diziam respeito ao plano espiritual entendido ou aceito pela instituição. O bispo do ceará precisava provar para toda a igreja o motivo da sua incredulidade no fenômeno. Formou-se então uma comissão composta por padres de confiança da Diocese. Após o inquérito, concluiu-se que “aquilo que ocorria em Joazeiro não passava de manifestações de fanatismo de pessoas que não conheciam a teologia da Igreja”. Enquanto isso, a crença popular no milagre tomava proporções maiores do que se esperava.

Após três anos, e intensificação das peregrinações, vem à tona a condenação da Santa Fé. O Padre Cícero foi afastado das atividades sacerdotais e excomungado da igreja. Enquanto a Beata descrita nos documentos como uma mulher sem beleza aparente, simples, negra e ignorante, foi submetida a sucessivos interrogatórios que tinham como finalidade encontrar a possível farsa.

De um lado estava a Beata que era analfabeta e desentendida do propósito “oficial” da igreja, de outro doutores em religião, que traziam consigo os conhecimentos letrados e a espiritualidade aceita pelos princípios da igreja. As medidas conduzidas pela fé oficial pesaram “do lado mais fraco”, como diz o provérbio popular. Ao passo que a instituição tentava contornar as movimentações de milhares de romeiros a “Terra Santa”, o Padre Cícero tornava-se sutilmente o protagonista da história e a beata ia sendo afastada das atividades religiosas. Era preciso apagar a fé no misticismo que ela representava para os fiéis. Eram duas abordagens sobre a mesma fé que estavam em jogo.

Durante os inquéritos, sem medo, Maria de Araújo respondia os questionamentos dos investigadores e afirmava que os fenômenos faziam parte de uma

Os registros não guardam os detalhes da vida de reclusão da Beata. Ela passou os últimos anos de sua vida enclausurada até falecer em 1914

missão maior. Relatava visões em que Jesus Cristo se fazia presente, narrando inclusive o casamento dos dois. Maria de Araújo chegou a narrar uma visão em que Cristo colocava um anel em seu dedo e anunciava que após aquele casamento espiritual, ela teria que sofrer em seu amor.

A instituição permanecia dizendo que o milagre deveria ser negado, entretanto o Padre Cícero e a Beata permaneciam afirmando as manifestações acontecidas.

Sobre estes termos Maria de Araújo passa por uma imposição severa que a impede de ficar no Juazeiro. Afastando-se da convivência com o Padre Cícero ela é levada à casa de Caridade do Crato onde seria novamente submetida a interrogatórios e testes.

Os registros não guardam os detalhes da vida de reclusão de Maria, grande parte dos documentos do processo julgado pela igreja foram queimados. Ela passou os últimos anos de sua vida enclausurada até falecer em 1914. Não bastando todo o desgaste de violências ocorridos nos seus últimos dias de vida, 17 anos após o falecimento o seu túmulo que ficava na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Juazeiro foi violado, seus restos mortais foram saqueados e nunca mais encontrados.

Com o protagonismo do milagre direcionado ao Padre Cícero, a maioria dos romeiros hoje sequer conhece a Beata. Não existem muitas imagens de Maria de Araújo, ela não é reconhecida pelo povo. Em 17 de Janeiro, os seus poucos devotos lembram e celebram o espírito da mulher que mesmo distante das ordens oficiais se dispôs a viver uma vida dedicada a coletividade, ao passo que tinha o seu protagonismo silenciado pelas estruturas.

AS RAZÕES DO ESQUECIMENTO DA BEATA

Edianne Nobre é juazeirense e professora do departamento de História da Universidade de Pernambuco. Os seus estudos estão no campo da religiosidade e da história cultural, sua tese de doutorado “Incêndios da Alma” fala sobre a Beata Maria de Araújo.

Edianne quem é a Beata Maria de Araújo para você, e o que te levou estudá-la?

A Beata Maria de Araújo no meu percurso além de ser o meu sujeito de pesquisa, é também uma pessoa que me fez começar a pensar sobre o empoderamento feminino e as questões que as mulheres enfrentam na sociedade e na história. Tanto que a minha ideia de pesquisa, era pautada na constatação de que a beata não existia na literatura sobre Juazeiro. Fiquei, particularmente, bem curiosa sobre essa mulher. Me perguntava: “Quem foi essa Beata que recebeu a hóstia e depois a não se falava mais dela?”. O que me levou a estudá-la foi justamente a ausência dela na historiografia de Juazeiro.

Quanto tempo em média levou a sua pesquisa e quais foram os maiores aprendizados do processo?

Apreendi bastante sobre a capacidade de resiliência das pessoas. Ela como mulher pobre do final do século XIX, num povoado em que não tem muita perspectiva, constrói para si uma trajetória muito importante de empoderamento. Comecei a pesquisa em 2004 no segundo semestre da graduação, e terminei no doutorado com a tese “Incêndios da Alma”, recentemente publicada. O trabalho durou dez anos, tive muitas dificuldades no sentido da aceitação da pesquisa, inclusive pela igreja. Eu cheguei a ter alguns enfrentamentos com outros pesquisadores, muitos achavam que o meu trabalho não era relevante, ou que eu deveria ter cuidado. Me propus e fui cuidadosa com relação à análise da trajetória do Padre Cícero, afinal ele não é, e nunca foi, o meu foco da pesquisa, sempre foi a Beata.

Você percebe alguma nuance da estrutura machista e/ou da estrutura racista na vida e na repercussão da imagem de Maria de Araújo?

Quando eu penso nesse esquecimento que existe sobre ela, eu reflito sempre em termos da estrutura patriarcal que a gente tem no final do século XIX, mas

também no que diz respeito a uma mudança interna da igreja naquele momento. Esse processo de apagamento pode ter tido sim motivações machistas e racistas, mas a principal causa foi o próprio contexto, a história da igreja naquele momento. Claro que não foi fácil para ela justamente porque era uma mulher, negra e pobre então além de tudo também existia a questão social. Ela era analfabeta, vista como uma pessoa ignorante. Cheguei a investigar alguns depoimentos que descreviam ela como cachaceira, negra, como se o termo “negro” fosse de pejorativo, né? É como aparece na documentação. Isso tudo no sentido de invalidar experiência religiosa dela. E considerando esse contexto eminentemente masculino, ao ser retirada da história, quem ganha projeção é o Padre Cícero.

Para mim, não cair nos extremos é bastante importante. O Padre Cícero também não é um vilão nessa história, não é que ele usou o lugar da Beata, acredito que ele é muito mais levado pelos acontecimentos. E nesse contexto ele também vai se apropriando e buscando manter vantagens, a luta dele sempre foi por tentar reaver as ordens sacerdotais, que foram suspensas por acreditar no milagre. Então hoje através de tudo o que eu pude pesquisar, posso dizer que sou totalmente convencida de que ele acreditava no Milagre, e de que ele se colocou em defesa da Beata. Sem dúvidas a condenação dela foi muito maior, mas ele também foi condenado. Até hoje a igreja local tem um processo no Vaticano para rever as ordens sacerdotais dele.

Qual foi o percurso da igreja católica e do Padre Cícero na construção da figura da Beata Maria de Araújo que o imaginário popular tem hoje?

Vai justamente nesse sentido que a beata não é uma mártir, assim como não é uma vítima. A historiografia divide muito esse papel; ou a Beata é uma mártir jogadora, ou ela é uma coitadinha vítima. Na minha pesquisa eu tento localizá-la no meio do caminho. Ela atuou como alguém que acreditava na igreja, numa vida de santidade e que procurava por isso. É tanto que ela não se retrata nem nega o milagre, e daí vem a condenação da Santa Fé.

É bem claro quando eles condenam ela a esse tipo de reclusão, isso provocaria um apagamento social e na memória da população juazeirense, tanto que hoje em dia poucas pessoas sabem quem foi a beata ou sabem apenas uma história pela metade. Em geral se sabe que ela foi uma mulher, Beata do Padre Cícero e que recebeu a hóstia que sangrou. Mas as pessoas não sabem, por exemplo, que a hóstia sangrou durante mais de dois anos, inclusive quando outros padres ministravam. Ou que ela manifestava outros fenômenos extraordinários. Então você tem aí



Edianne Nobre: “A Beata atuou como alguém que acreditava na igreja, numa vida de santidade. É tanto que ela não se retratou nem negou o milagre, e daí vem a condenação da Santa Fé”

uma série de outros fenômenos que são descartados pela historiografia e que consequentemente na memória das pessoas também desapareceram.

Em determinado momento da sua tese você relata que a história de Juazeiro “começa” a partir do “Milagre de Juazeiro”. Que papel a Beata assume no milagre e como esse papel é entendido pelas instituições?

Dos anos 80 pra cá, quando surgem as pastorais de Romeiros no Juazeiro do Norte a igreja local começa a ver também em Maria de Araújo uma personagem para compor a história e fazer parte do cenário turístico religioso que se criou. Tanto que hoje tem imagem da Beata no museu de cera e um busto dela na capela do Socorro também.

No entanto, se você for para grande massa de juazeirense e de Romeiros perguntar quem foi a Beata Maria de Araújo pouca gente vai saber. Alguns talvez digam que ela foi uma beata do Padre Cícero. Outras pessoas inclusive confundem ela com a beata mocinha. Eu já fui apresentar meu trabalho algumas vezes e as pessoas dizem: “Ah mas você tá falando da beata mocinha”. E eu: “Ah não, é outra pessoa”.

Como você percebe a reclusão da Beata Maria de Araújo no final da sua vida. Qual foi o limite entre a “missão” que a Beata entendia ter e os silenciamentos ao longo da história?

Existem muitos santos que são condenados, ou que vivem essa vida de reclusão para justamente poder concluir o percurso de santidade. Eu acho que a reclusão da beata foi coerente com o percurso de santidade que ela construiu ao longo da vida. O meu argumento na tese leva em consideração esse contexto completo. O percurso de santidade é acompanhado pela ideia do sacrifício, e muitos santos também são condenados ou vivem essa vida de reclusão para poder completar o percurso. Então se considerarmos a santidade, ela foi coerente. Maria de Araújo sempre foi muito obediente à igreja, mas também muito obediente a própria fé. Isso mostra para mim uma grande resiliência, ela é uma mulher muito guerreira na verdade. E acredito que se ela tinha alguma missão ela era muito subjetiva, da Beata com a crença que ela tinha, né? Ela também não se auto promove, ao contrário do Padre Cícero. Ela entra realmente de cabeça nessa ideia da santidade mística. ■

Cordel:

“Eu não estou aqui, aliás, eu estou aqui”

Foi uma religiosa
De muita dedicação
Reconhecida beata
Por toda a população
E tinha por Padre Cícero
Muita consideração

No ano de oitenta e nove
Um fato lhe ocorreu
Estava assistindo a missa
Quando a hóstia recebeu
Das mãos de Padrinho Cícero
E veja o que aconteceu:

Ao abrir a sua boca
Quando estava a comungar
A hóstia ficou em sangue
Sem saber como explicar
Foi por cento e treze vezes
Que chegaram a contar

Apareceu umas chagas
Em seu corpo e arrebatava
E sem pisar pelo chão
Dando passada ela andava
A hóstia sangrando em carne
Muitas vezes transformava

A Igreja investigou
E pegou muito pesado
O caso como um milagre
Nunca foi mesmo aceitado
E depois de grande inquérito
Deu tudo por encerrado

A consequência que teve
Foi do Padre a suspensão
Dos seus atos na Igreja
Com grande humilhação
Tempos depois também veio
Pra ele a excomunhão

O Padre Cícero sofreu
Até a morte chegar
Não desprezou a Igreja
Obedeceu, quis ficar
E sobre o caso da hóstia
Ninguém podia falar

Falando agora em Maria
Foi triste o destino seu
Nos inquéritos que houve
Com tudo muito sofreu
Levou uma vida penada
Depois do que aconteceu

Lá na cidade do Crato
Maria foi torturada
Na casa de Caridade
Ela foi enclausurada
Proibida de sair
Era muito vigiada

E por quase trinta anos
Ela foi bem perseguida
Viveu no anonimato
Com a existência perdida
Novecentos e quatorze
Foi o fim de sua vida

E como se não bastasse
Toda esta perseguição
Em novecentos e trinta
Fizeram a violação
Do túmulo em que a sepultaram
Sem fazer exumação

Seus pobres restos mortais
Sem poder ser descansados
Roubaram do cemitério
E nunca foram encontrados
Ainda não descobriram
Aonde foram enterrados



Capa do cordel de
Rosario Lustosa
escrito em 2014



